

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ISRAEL E A DIÁSPORA: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE OS
PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE JOVENS LATINO AMERICANOS E
A REVITALIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES JUDAICAS**

Larissa Cykman de Paula

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Fagundes Jardim

Porto Alegre, julho de 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ISRAEL E A DIÁSPORA: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE OS
PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE JOVENS LATINO AMERICANOS E
A REVITALIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES JUDAICAS**

Larissa Cykman de Paula

**Trabalho apresentado para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais ao Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas na Universidade Federal do Rio Grande
do Sul**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Fagundes Jardim

Porto Alegre, julho de 2013

Agradecimentos

À minha mãe Dora, que sempre me incentivou e apoiou durante a graduação, principalmente com o seu carinho.

À minha família, especialmente aos meus irmãos Lucas e Christian, pelos momentos compartilhados e pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Aos meus amigos, pelas conversas, trocas de experiência e risadas compartilhadas no nosso cotidiano. E, em especial, àquele que é o meu melhor amigo e companheiro, Laurence, pelo carinho e apoio incondicional durante a realização deste trabalho.

Aos professores do curso, que possibilitaram a concretização desta jornada, sobretudo à minha orientadora Denise.

E, por fim, aos meus interlocutores, sem os quais este trabalho não existiria. À Ana agradeço pela atenção e pelo carinho durante todas as minhas visitas.

Judaísmo não é para mim uma religião, (...) judaísmo é para mim uma rica cultura, expressa na história, na literatura, na arte, no humor, até. (SCLIAR, 1998)

Resumo

Este trabalho é um estudo antropológico sobre os processos migratórios de jovens judeus Latino Americanos para Israel e a sua relação com a revitalização das tradições judaicas na comunidade judaica. Num primeiro momento o foco da pesquisa de campo foi analisar os relatos sobre o impacto das viagens realizadas ao Estado de Israel por jovens de origem judaica; revelando aspectos reflexivos sobre tradição, cultura e identidade na atual comunidade judaica de Porto Alegre. Após a realização deste primeiro trabalho de campo o foco da pesquisa se direciona para um campo mais amplo, abordando os processos migratórios de jovens judeus Latino Americanos para Israel. Esta segunda etapa da pesquisa foi realizada em janeiro de 2012 com imigrantes que haviam chegado há poucas semanas em Israel e que foram para um Merkaz Klitá (Centro de Absorção). A partir deste segundo campo, que originou o tema específico tratado neste trabalho, é possível discutir questões mais abrangentes, que apontam para a relevância da relação entre Israel e diáspora para a manutenção e recriação da identidade judaica. Desta forma, é revelado um contexto onde estão presentes múltiplas identidades e onde surgem novas formas de se identificar com a comunidade judaica.

Palavras-chave: migração, identidade, judaísmo, tradição, Israel, diáspora.

Abstract

This work is an anthropological study about the migratory processes of Latin American Jewish youths to Israel and its relation with the revitalization of Jewish traditions in the Jewish community. Initially the field research focus was to analyze the stories about the impact of trips to the State of Israel made by Jewish youths; showing reflexive aspects of tradition, culture and identity in the present Jewish community in Porto Alegre city. After the realization of this first field research the focus of this work is directed to a broader field, including the migratory processes of Latin American Jewish youths to Israel. This second research phase was developed in January 2012 with immigrants who had recently arrived in Israel and were in a Merkaz Klita (Absorption Center). From this second field – which originated the specific topic discussed in this work – it is possible to discuss broader issues, pointing to the relevance of the relation between Israel and the Diaspora for the maintenance and recreation of Jewish identity. Thus, it is shown a context where there are multiple identities and where there are new ways to identify with the Jewish community.

Key-words: migration, identity, Judaism, tradition, Israel, Diaspora.

SUMÁRIO

1. Introdução	08
1.1. Metodologia.....	11
2. A migração internacional e o caso da imigração judaica Latino Americana para Israel	14
3. Trajetórias de pesquisa e o trabalho etnográfico	19
3.1. Os desdobramentos do retorno da viagem “Shnat Hachshará” (ano preparatório) na comunidade judaica de Porto Alegre.....	20
3.2. A relação entre o sionismo e a questão da tradição na comunidade judaica de Porto Alegre.....	23
3.3. Bairro Bom Fim: o local compartilhado em Porto Alegre.....	24
3.4. A pesquisa de campo em Israel.....	27
3.5. Os episódios observados no Merkaz Klitá (Centro de Absorção).....	31
4. O olhar dos entrevistados	36
4.1. Identificação com Israel: noções de pertencimento e território.....	38
4.2. Acolhimento em Israel.....	42
4.3. Porque fazer Aliá – Motivações.....	44
4.4. Retorno a Israel.....	46
4.5. A língua hebraica.....	48
5. A decisão final de imigrar	50
5.1. Família e amigos em Israel.....	50
5.2. Ligação com a comunidade local – Diáspora.....	51
6. Considerações Finais	55
7. Referências Bibliográficas	58
8. Anexos: Tradução das citações em inglês para o português	61

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo compreender os processos migratórios de jovens judeus Latino Americanos para Israel e a sua relação com a revitalização das tradições judaicas na comunidade judaica. Num primeiro momento o foco da pesquisa de campo foi analisar os relatos sobre o impacto das viagens realizadas ao Estado de Israel por jovens de origem judaica; revelando aspectos reflexivos sobre tradição, cultura e identidade na atual comunidade judaica de Porto Alegre. Além de apontar a relação entre o sionismo – nacionalismo judaico – e a comunidade judaica, abordando como através de uma tradição passada por gerações ocorre uma renovação de costumes. No ano de 2012, o foco da pesquisa incide num novo campo etnográfico. Durante o mês de janeiro de 2012 fiz uma viagem a Israel e conheci um “Merkaz Klitá” (Centro de Absorção) para imigrantes na cidade de Jerusalém, este local é o ponto central do meu trabalho empírico. O intuito desta pesquisa é analisar estes processos migratórios partindo das entrevistas realizadas com os moradores deste Centro de Absorção para, então, poder compreender a relação existente entre Israel e diáspora. Detive-me a estes Olim Chadashim (novos imigrantes) que haviam feito Aliá (imigrado) há poucas semanas.

Apesar deste trabalho conter relações que podem ser pensadas num contexto geral entre Israel e a Diáspora o foco é compreender a relação entre a *diáspora judaica Latino Americana* e Israel. Pude adotar este termo a partir do contato que tive com uma bibliografia específica sobre o tema. Durante o segundo semestre de 2012 realizei um intercâmbio acadêmico na Vanderbilt University pelo projeto Capes/Fipse, onde contei com o apoio dos professores e da estrutura da universidade para buscar este material. Principalmente a partir dos artigos do livro “Israel, the Diaspora and Jewish Identity” (Ben-Moche e Segev: 2007) pude compreender que é possível fazer um recorte específico acerca da diáspora judaica Latino Americana, ressaltando os aspectos referentes ao local de Israel na identidade judaica Latino Americana, além da relação entre as viagens a Israel e a continuidade judaica.

Problematizo a comunidade judaica a partir de dois conceitos chaves: o de etnicidade e de identidade. Sendo possível falar no povo judeu como um grupo étnico e relacionar a identidade judaica com a identidade étnica. Para compreender o povo judeu como um povo étnico apresento algumas visões acerca da etnicidade nas palavras de diferentes autores. Anita Brumer (2008) indaga acerca da possibilidade de caracterizar os judeus como um grupo étnico pelo fato de partilharem o sentimento de pertencimento

ao povo judeu. E, também, pelo fato de compartilharem elementos como a história, o território, a religião, a cultura, a língua e a combinação desses elementos (p. 265). Vivian Flanzer (1994) na sua pesquisa sobre os judeus sefardim no Rio de Janeiro afirma que a identidade étnica na comunidade judaica age através da noção de tradição constituinte de um povo, de cultura e de religião, agindo através de processos de identificação e de diferenciação que são vivenciados. Esta questão também foi abordada por Antonio Gouvêa Mendonça (2006): “Não é arriscada a proposta de que as religiões ligadas a etnias se propagam enquanto os laços culturais estão vivos” (p. 90).

Desta forma o “ser judeu” vai muito além da religião. A religião é apenas uma das formas de identificação e, por este motivo, este trabalho não se detém àqueles que são considerados judeus pela lei judaica e sim naqueles que se sentem judeus – um sentimento de pertencimento. Este sentimento também pode ser representado através da identidade judaica, que se relaciona ao sentimento de pertencer à comunidade judaica. Quanto mais uma pessoa participa da comunidade de forma ativa mais ela irá fortalecer a sua identidade. O processo de diferenciação entre judeus e não judeus também é relevante para a reafirmação desta identidade.

Quando falamos que a identidade é compreendida a partir de um processo de identificação e de diferenciação com outras identidades utilizamos a metodologia comparativa, que foi definida por Barth (2000) como sendo a base da análise antropológica válida, uma vez que permite comparar “diferentes versões étnicas de um mesmo fato social numa mesma sociedade” (p. 14). Desta maneira, ao analisarmos valores internos próprios às sociedades e grupos em estudo, estamos privilegiando o enfoque das relações sociais locais e evitando as análises em grande escala que analisam a ‘sociedade’ ou a ‘cultura’ de forma geral.

Esta mesma ideia aparece nas palavras de Cardoso de Oliveira (1976) através do conceito de “identidade contrastiva”, no qual a identidade é construída a partir da relação com o outro e como a pessoa enxerga a si mesmo. Sendo assim Cardoso de Oliveira afirma que a identidade contrastiva é válida na medida em que permite uma afirmação em relação aos outros. A identidade se afirma enquanto nega – se opõe – à uma outra identidade.

Leonor Seliar Cabral também abrange este tema no artigo intitulado “A memória Sefardita como exemplo de identidade judaica” (1998) afirmando que a identidade “passa pela questão epistemológica de o ser humano ser capaz de representar-se a si mesmo, pela oposição que faz, através da função simbólica, entre si e o outro, entre si e

o mundo” (p. 194). Assim sendo, Cabral problematiza que a partir do ato de compreender as diferenças e semelhanças é possível que, ao longo dos anos durante o processo de socialização que se inicia na infância, cada pessoa formule uma consciência de sua identidade como indivíduo e como participante de um grupo “sócio-cultural”. Desta forma, quanto mais a história do grupo é compartilhada entre o grupo, maior será a identidade dos indivíduos com o grupo. Isto pode ser visto no caso da identidade judaica em relação ao incentivo que surge da própria comunidade – tanto na diáspora como em Israel – para a participação ativa na comunidade, seja em eventos específicos, em apresentações de grupos de dança, em jornais produzidos para a comunidade, ou ainda através da educação nos colégios judaicos e nos movimentos juvenis. Cabe ressaltar que em todos estes espaços ocorre, de maneiras diferentes, um processo de resgatar a cultura e a tradição judaica. E através das relações sociais mantidas na comunidade judaica a identificação com o grupo se estabiliza e também aumenta.

As ideias acerca da criação e recriação das tradições de origem propostas por Denise Jardim (2000) na sua tese sobre os palestinos no sul do Brasil são elucidativas para refletir sobre este processo de resgatar a cultura e a tradição judaica. Jardim abrange os processos sociais que sustentam a identidade étnica palestina. Sendo estes as viagens à Palestina, as festas de casamentos entre as famílias e ainda a preocupação com a política partidária local. Desta forma, é possível criar um paralelo com outras experiências migratórias e compreender que este não é um fenômeno apenas judaico.

Ao me referir aos processos migratórios para Israel e à relação mantida entre diáspora e Israel se faz necessário compreender como se dão as fronteiras da comunidade judaica como um grupo étnico e a questão da territorialidade. Neste caso não são válidas as fronteiras físicas entre países. A diáspora, de forma geral, possui uma identificação real e emotiva com Israel que não se restringe aos países locais. Por exemplo, um judeu que vive em São Paulo e participa da comunidade judaica local. A sua identidade não se restringe somente à uma identidade física brasileira e emotiva relacionada a Israel. A questão é na verdade muito mais complexa porque ao mesmo tempo que este judeu se identifica com o Brasil física e emocionalmente ele também se identifica física e emocionalmente com Israel. Tendo muitas chances dele, inclusive, já ter visitado ou morado em Israel. Para compreender melhor esta situação podemos utilizar o conceito de “fronteiras sociais” de Barth (2000), onde ele explicita que o entendimento da fronteira étnica deve ser “livre dos constrangimentos sociais”. A

fronteira étnica é ‘portátil’, já que ela ocorre através da interação com o outro, sendo esta interação que permite reafirmar a própria identidade.

Este trabalho tem o objetivo de mostrar através da pesquisa de campo e do referencial teórico estudado que na relação entre Israel e diáspora ocorrem os processos que permitem uma reafirmação e revitalização da identidade étnica judaica. A partir da criação do Estado de Israel em 1948 este assume um papel fundamental e é tido como o território de origem do povo judeu, tanto para os judeus que moram em Israel como para os que moram na diáspora.

1.1. Metodologia

Esta pesquisa foi iniciada através de um projeto de iniciação científica realizado durante os anos da graduação, tendo como tema central a comunidade judaica de Porto Alegre. Mantive um relevante intercâmbio com os demais pesquisadores do NACI (Núcleo de Antropologia e Cidadania) participando de reuniões sobre variadas temáticas, incluindo assuntos sobre direitos humanos, migrações e ética na pesquisa. O trabalho de campo foi desenvolvido a partir do ano de 2010 em contato direto com a comunidade judaica através de participações em eventos de distintas entidades (organizações sionistas, sinagogas, feiras) e principalmente a partir da participação nos movimentos juvenis judaicos. O meu intuito, nesta primeira etapa, foi analisar os relatos de jovens judeus sobre o impacto das viagens realizadas ao Estado de Israel. Cabe ressaltar que existem diversos programas de viagem a Israel e que, durante a pesquisa, me detive a certo tipo de viagem cujo nome é “Shnat Hachshará” (ano preparatório), que está ligada aos movimentos juvenis judaicos sionistas e que tem duração de um ano.

Para a elaboração desta primeira etapa foram realizadas entrevistas semi-diretivas (com roteiro aberto: tópicos assunto) com pessoas que moram em Porto Alegre e que efetuaram a viagem intitulada Shnat Hachshará a Israel na sua juventude. O roteiro da entrevista possui três partes centrais. Sendo estas o “antes”, o “durante” e o “depois” da viagem, ou seja, o que estas pessoas faziam anteriormente à viagem, como foi a viagem e como foi a volta para Porto Alegre. As entrevistas, em sua maior parte, foram gravadas em áudio. Em uma primeira etapa, os entrevistados são jovens (faixa etária entre 18 e 28 anos) que realizaram a viagem há, no máximo, dez anos. Numa segunda etapa o foco recai nos pais e avós desses jovens entrevistados, que também viajaram para Israel na sua juventude. No total foram realizadas doze entrevistas, sendo oito com os jovens e quatro com os pais e avós.

Após a realização deste primeiro trabalho de campo o foco da pesquisa se direciona para um campo mais amplo, abordando os processos migratórios de jovens judeus Latino Americanos para Israel. O objetivo deste segundo trabalho de campo foi analisar as relações existentes entre Israel e diáspora e as questões identitárias a partir dos processos migratórios, ressaltando o processo de adaptação em Israel, os objetivos futuros dos novos imigrantes e também questionando os motivos decisivos na escolha em fazer Aliá (imigrar para Israel). Ao analisar somente o caso dos imigrantes Latino Americanos, é possível compreender a relação existente entre a diáspora Latino Americana e Israel e, ainda, problematizar a questão da identidade judaica a partir dos processos migratórios.

Durante o trabalho de campo em Israel foram realizadas entrevistas semi-diretivas com os moradores do Centro de Absorção (Merkaz Klita em hebraico) localizado em Jerusalém. Durante as entrevistas os informantes tinham a liberdade para expressarem aquilo que consideravam relevante. As perguntas que elaborei inicialmente serviram apenas como um ponto de partida e para suscitar a fala dos entrevistados. Em Israel existem diferentes formatos de Centros de Absorção, porém, esta pesquisa tem por referência empírica somente um Centro de Absorção específico. Este espaço que conheci destina-se apenas para jovens, numa faixa etária flexível entre os 20 e 30 anos, com imigrantes oriundos dos mais variados países. O foco deste trabalho restringe-se aos imigrantes Latino Americanos onde, no total, foram entrevistadas dez pessoas. A pesquisa também se concretizou através de observação participante, na qual pude analisar as relações envolvendo um número maior de moradores.

Destaco que todos os nomes que aparecem durante este trabalho, referente às citações dos relatos dos entrevistados na primeira e na segunda etapa, são nomes fictícios, apesar dos interlocutores terem autorizado a utilização do material coletado.

A partir desta pesquisa realizada em um local específico e com um determinado número de entrevistados é possível discutir questões mais abrangentes, que apontam para a relevância da relação entre Israel e diáspora para a manutenção e recriação da identidade judaica. Como afirma Geertz (1989) este método prevê o empenho de generalizar através da experiência particular. Ou seja, o meu objetivo é relacionar as experiências do campo com noções que extrapolam o campo estrito senso. Observando a vivência dos informantes no Merkaz Klitá é possível compreender os motivos que os levaram a imigrar e, também, relacionar com a imigração para Israel de forma ampla. Entretanto, se faz necessário afirmar que, apesar de relacionar esta pesquisa com uma

questão mais ampla, entendo como fundamental realizar a pesquisa partindo de comparações internas do campo. Barth (2000) problematizou esta questão ao afirmar que devem ser feitas comparações na análise de cada caso específico. O “método comparativo” possui seu maior valor quando o utilizamos para analisar os dados primários do trabalho de campo. Isto possibilita estabelecer “as dimensões da nossa própria descrição dos fenômenos que estudamos” (p. 200).

Arelada a esta questão de como descrevemos os fenômenos que estudamos e de que não devemos passar um olhar soberano do pesquisador discuto o fato de eu ser uma “pesquisadora de dentro”. Pelo motivo de eu participar na comunidade judaica de Porto Alegre e por já ter viajado duas vezes para Israel o meu campo de pesquisa não é exatamente estranho. Procurei dialogar com o meu campo de forma a aproveitar o meu conhecimento prévio por ser “de dentro”. Entretanto, assim como Vagner Gonçalves da Silva (2000) afirma que foi necessário se distanciar para ‘estranhar’ os seus interlocutores, também procurei exercitar esta distância para que neste trabalho não aparecesse somente aquilo que eu conhecia e da forma como eu interpretava e, sim, para que fosse possível trazer a visão e a experiência dos interlocutores.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo discorre acerca da migração internacional e adentra no caso específico da imigração judaica Latino Americana para Israel; possuindo uma preocupação em entender o contexto histórico que abrange os processos migratórios. Já o segundo capítulo aborda as trajetórias de pesquisa revelando as duas etapas desta pesquisa, sendo a primeira na comunidade judaica de Porto Alegre e a segunda etapa o trabalho de campo em Israel – que originou o tema específico discutido neste trabalho. Ainda no segundo capítulo discorro sobre as principais experiências durante o trabalho etnográfico em Israel. No terceiro capítulo apresento algumas considerações originadas a partir do olhar dos interlocutores. Problematizo as questões relacionadas à identificação com Israel, ao acolhimento proporcionado pelo país, às motivações para fazer Aliá (imigrar), ao retorno a Israel – já que muitos interlocutores já conheciam Israel, e à importância da língua hebraica. No quarto e último capítulo são abordados os aspectos tidos como fundamentais na decisão final de imigrar; tendo destaque a relação com a família e amigos e também a ligação do imigrante com a comunidade local – Diáspora. É revelado um contexto onde estão presentes múltiplas identidades e onde surgem novas formas de se identificar com a comunidade judaica.

2. A migração internacional e o caso da imigração judaica Latino Americana para Israel

Neste capítulo explorarei a questão da migração internacional, especificamente o caso da imigração Latino Americana para Israel envolvendo as questões surgidas a partir da pesquisa realizada em janeiro de 2012 em Israel com os Olim Chadashim (novos imigrantes) moradores de um Merkaz Klitá (Centro de Absorção). Primeiramente, é relevante contextualizar a amplitude da migração, não só no caso da migração judaica. Diversos autores retratam as especificidades dos processos migratórios nos diferentes casos existentes pelo mundo, envolvendo diferentes grupos, idades e motivos para a migração. As autoras Adriana Spilki e Anita Brumer (2005) relatam algumas das características comuns no processo da migração:

Quando se trata do estudo das migrações em outros países, são destacadas também as características da legislação, a dificuldade de aprendizagem da língua (ou das línguas) falada no país, a necessidade de inserção (e às vezes reciclagem) profissional, a educação dos filhos, a aprendizagem das normas e valores vigentes (p. 398).

No atual contexto histórico uma das principais questões que deve ser enfatizada é o crescimento do fenômeno da globalização. Algumas mudanças ocorrem no panorama da migração devido ao encurtamento das fronteiras, resultado desta globalização. Este fato proporciona um campo de crescimento da migração nas últimas décadas assim como uma diferenciação das características que envolvem a migração. No caso da migração judaica isto é percebido quando se remete à relação da diáspora com Israel e a questão da cultura judaica. Esta problematização aparece nas ideias de Featherstone apresentadas por Mittelberg (2007) no seu artigo “Jewish Continuity and Israel Visits” que vê a globalização como “producing a unified and integrated common culture (...) wich sustain “deterritorialized cultures” [1]¹ (FEATHERSTONE 1995, PP.114-115 apud MITTELBERG p. 31). Compreender as culturas como sendo “culturas desterritorializadas” significa pensar que as culturas não correspondem exatamente ao

¹ Durante este trabalho as citações em inglês irão aparecer na língua original para preservar os elementos textuais dos autores. Porém, é possível acompanhar a tradução para o português na página 61 dos anexos (tradução nossa).

território na qual estão inseridas. Este quadro envolvendo os processos migratórios e a inserção da(s) cultura(s) neste âmbito se torna muito mais complexo.

É interessante começar a pensar no caso judaico a partir do seu contexto histórico, que se modifica significativamente após a criação de Israel. Em 1948 é declarada a independência do Estado de Israel e, então, expande-se a ideia de que cada judeu pode encontrar seu lugar em Israel.

O momento histórico pós 1948 muda a história judaica de forma a ressaltar a importância de Israel e do sionismo, fortalecido neste contexto. Graciela Ben Dror (2007) afirma que “zionism and personal Aliyah were seen as the answer to jewish weakness” [2] (241). Ou seja, neste momento pós Segunda Guerra Mundial, onde o povo judaico estava comedido por um sentimento de insegurança e fraqueza, é através do compartilhamento de Israel e também da possibilidade de migrar para Israel que a comunidade judaica mundial encontra o seu ponto de apoio. O ato de compartilhar acaba sendo o ponto principal. A ajuda do Estado de Israel para com os judeus pós Segunda Guerra se apoia nesse duplo movimento de compartilhar e conhecer o próximo. A identidade judaica é reavivada através da cooperação internacional neste momento. Graciela Ben Dror (2007) afirma em seu artigo “The Place of the State of Israel in Latin American Jewish Identity” que o holocausto teve um impacto muito forte para as pessoas que vivenciaram este contexto e o Estado de Israel surge como uma esperança e uma nova forma de identificação (p. 241).

O caso da diáspora judaica Latino Americana possui suas especificidades. Apesar de também sofrer fortes influências do sionismo isto se dá de forma distinta. A grande onda de imigração judaica para a América Latina ocorreu depois de 1924, quando os Estados Unidos haviam fechado as portas. Os principais países Latino Americanos que receberam imigrantes foram Brasil, Argentina, Uruguai, México e Cuba. (BEN DROR, 2007 p. 236). Nesta época os principais motivos para a imigração eram os problemas socioeconômicos e o antissemitismo. Este contexto corrobora para que o principal foco das comunidades Latino Americanas seja a manutenção cotidiana (everyday maintenance), Ben Dror (2007) afirma isto ao se referir às características dos imigrantes judaicos na América Latina no seguinte trecho: “Everyday maintenance was the main focus, but the immigrants very quickly began to develop communitarian social welfare, health, cultural and social services” [3] (p. 236).

Neste contexto judaico na América Latina e após a criação do Estado de Israel o sionismo toma proporções significativas. A diáspora Latino Americana se conecta

ideologicamente com o movimento sionista. Ben Dror inclusive afirma que esta ideologia atinge esferas como educação, campo político, interesses sociais e a esfera psicológica (p. 238). Isto significa que o sionismo representa, ao mesmo tempo, uma forma de união na diáspora e também de vinculação com o Estado de Israel e com a comunidade judaica mundial. Ben Dror refere em seu artigo o principal teórico e idealizador do sionismo, Theodor Herzl, ponderando sobre a relação da diáspora judaica Latino Americana com Israel: “As Herzl said ‘the conquest of the communities’ became a reality amongst Latin American Jewry after the creation of the State of Israel” [4] (p. 238). Desta forma a política na diáspora Latino Americana se torna um “espelho” da política israelense. A aproximação cada vez se estreita mais. Gabriel Trajtenberg (2007) comenta como esta relação da diáspora com Israel e da exaltação do sionismo influencia nas comunidades Latino Americanas:

Predominant Jewish and Zionist education in southern Latin American Jewish communities has generated an extraordinary bridge with Israel. This educational approach tends to place Israel in the subconscious of children and young people as the final destination of the Jewish people [5] (p. 50).

O sionismo é uma ideologia que engloba os interesses de Israel e também da diáspora judaica, ressaltando a relevância das trocas ocorridas entre eles. O debate atual aponta para a necessidade de reconhecer que do Estado de Israel se irradiaria um centro judaico conectando a todos os judeus no mundo através do sentimento sionista compartilhado. Já para a diáspora o apoio político e econômico a Israel, além do incentivo para que um número satisfatório de judeus da diáspora migre para Israel é fundamental. Ou seja, o compartilhamento de Israel é base para a estruturação e crescimento das comunidades judaicas, tanto em Israel como na diáspora.

A estrutura complexa de apoio entre Israel e diáspora pode ser compreendida a partir de uma análise do que é a ideologia do sionismo. Primeiramente se faz necessário compreender que o sionismo abarca diferentes correntes, sendo estas o sionismo socialista, o sionismo político, o sionismo revisionista e o sionismo religioso². Porém,

² Pensando nos objetivos do movimento sionista anteriormente à criação do Estado de Israel pode-se definir o sionismo socialista como a corrente que acreditava que o Estado judaico deveria ser criado através de Kibutzim e pelos esforços dos trabalhadores. A corrente do sionismo político acreditava que a independência de Israel deveria ser conquistada pela via diplomática. Já a corrente do sionismo revisionista acreditava que o Estado de Israel só iria se tornar realidade através do uso de forças militares. E o sionismo religioso acreditava que o princípio para a criação de Israel estava na Tora (Bíblia judaica).

apesar das diferenças existentes entre as correntes como, por exemplo, a questão religiosa e a questão política de cada corrente, é necessário compreender as principais visões do sionismo em relação a Israel e Diáspora. Graciela Ben Dror (2007) apresenta duas visões pertinentes acerca do sionismo neste contexto:

One of the more prevalent stances spoke of the centrality of the Israeli State, advocating total personal commitment to Israel, Aliyah and the Hebrew language. Another mainstream view took into account the (occidental) Diaspora; seeking solutions for issues, such as Jewish education, or lack thereof, awareness of assimilation, and proper preparation and training for educators, so as to be able to ensure Jewish continuity [6] (p. 239).

Do meu ponto de vista estas duas visões apresentadas por Graciela Ben Dror não são opostas uma à outra, pelo contrário, elas se completam à medida que cada uma delas prioriza os objetivos da diáspora e de Israel. As comunidades judaicas consideram extremamente relevante o comprometimento com Israel, a importância do incentivo de fazer Aliá e a importância que o idioma hebraico tem. Porém, isto não impossibilita que as comunidades judaicas queiram proporcionar um desenvolvimento às suas comunidades com um incentivo à educação e uma problematização da assimilação tendo em vista a continuidade das comunidades judaicas. Compreender isto é fundamental para compreender que Israel e Diáspora são cada vez mais interdependentes, sem acreditar que a existência de um implicaria a destruição do outro. Mittelberg (2007) apresenta esta visão no seu artigo no seguinte trecho: “Although Israel and Diaspora Jewry have different challenges with regard to Jewish continuity, they need to explore a common and shared solution. (...) Modern Jewish identity is incomplete without the contribution of both communities” [7] (p. 41).

O processo migratório de judeus para Israel - a Aliá - possui diferentes motivações como, por exemplo, motivações ideológicas motivadas pelo sionismo e motivações de caráter político, econômico e local. Ao longo deste trabalho tentarei analisar o caráter destas motivações no âmbito dos casos observados na pesquisa com os jovens imigrantes.

Iniciei este trabalho a partir deste contexto histórico porque é extremamente relevante compreender a relação existente entre a diáspora Latino Americana e Israel e que o percurso dos jovens está sendo realizado ora por uma força social e afetiva evocada através da “diáspora”, ora através dos símbolos, habilidades idiomáticas,

abarcadas por um projeto nacional, para então expor e analisar as questões surgidas a partir da pesquisa realizada com os jovens migrantes em Israel. Após este primeiro esforço para contextualizar esta pesquisa em um panorama mais amplo o objetivo se torna compreender os processos migratórios específicos de jovens Latino Americanos para Israel. No próximo capítulo apresento as duas fases pelas quais esta pesquisa passou e ainda as questões etnográficas do trabalho de campo em Israel.

3. Trajetórias de pesquisa e o trabalho etnográfico

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o 'interior' e o 'exterior' dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos (JAMES CLIFFORD:1998, p. 33).

Neste capítulo apresentarei as trajetórias desta pesquisa revelando as duas etapas de trabalho de campo realizadas: a primeira etapa realizada na comunidade judaica de Porto Alegre e a segunda etapa concretizada através do trabalho de campo em Israel. Acredito que a possibilidade de realizar a observação em um Centro de Absorção em Israel com os imigrantes recém-chegados foi o fator decisivo que originou o tema discutido neste trabalho. Desta forma, problematizo neste capítulo, após compreender como se deram as duas etapas, as principais experiências observadas durante o trabalho etnográfico em Israel. Compartilho como ocorreu a minha inserção em campo, a importância de Ana – minha informante principal – e como fui conhecendo os interlocutores e o Merkaz Klitá (Centro de Absorção).

A primeira etapa foi o trabalho etnográfico com a comunidade judaica de Porto Alegre realizado entre os anos de 2010 e 2012. O foco desta primeira etapa foi a questão da revitalização das tradições judaicas na comunidade em questão. Nesta fase foi através da observação participante na comunidade judaica e através de entrevistas com jovens judeus que participam ou participaram de movimentos juvenis judaicos e que já foram para Israel que foram analisados aspectos reflexivos acerca da tradição, cultura e identidade na atual comunidade de Porto Alegre.

A segunda etapa desta pesquisa foi realizada durante o mês de janeiro de 2013, quando fiz uma viagem a Israel e tive a oportunidade de conhecer um Merkaz Klitá (Centro de Absorção) para imigrantes em Jerusalém e de realizar entrevistas com os jovens que haviam imigrado há poucas semanas e que estavam morando neste Merkaz Klitá. A partir deste trabalho de campo foi possível analisar a questão da imigração de jovens Latino Americanos para Israel, problematizando as suas especificidades e também as suas relações com os processos migratórios de forma geral.

Além da primeira etapa ter influenciado e incentivado a realização da segunda etapa também é interessante ressaltar que o primeiro campo vai ser reencontrado na pluralidade do segundo campo. Isto porque alguns dos entrevistados em Israel já tinham

participado de movimentos juvenis anteriormente e suscitaram questões que já tinham aparecido na primeira etapa.

A seguir apresentarei as principais características observadas nas duas etapas, com um olhar atento àquilo que o método etnográfico possibilitou analisar. Porém, antes de iniciar esta leitura é relevante compartilhar com o leitor que esta etnografia foi realizada por alguém “de dentro” do campo. Por ser integrante da comunidade judaica de Porto Alegre, tendo participado de um movimento juvenil e por já ter viajado duas vezes para Israel, considero que a minha inserção em campo teve como objetivo estranhar aquilo que era familiar. No seu livro “O Antropólogo e sua Magia” Vagner Gonçalves da Silva faz a seguinte afirmação: “Mais do que me ‘aproximar’ para entender o discurso dos meus interlocutores ou observar suas ações, tive que me ‘distanciar’ para estranhá-los e me estranhar em busca de uma visão exterior, do ‘ponto de vista antropológico’”. (2000, p. 71). Procurei utilizar do método etnográfico da mesma forma que o autor descreve que o utilizou. Antes de iniciar este trabalho já conhecia como funcionava a comunidade e participava ativamente desta, porém, foi a partir da pesquisa de campo que pude estranhar esta comunidade de modo a problematizar suas características e suas relações identitárias.

3.1. Os desdobramentos do retorno da viagem "Shnat Hachshara" (ano preparatório) e a revitalização das tradições judaicas na comunidade de Porto Alegre

Para abarcar o local de onde se origina a fala dos entrevistados desta primeira etapa se faz necessário primeiramente compreender o que são os movimentos juvenis judaicos. Presentes em vários países, os movimentos juvenis judaicos possuem peculiaridades e semelhanças entre si. Carla Pinsky ao falar sobre o surgimento dos movimentos juvenis após a I Guerra Mundial afirma que “Nessa época, estruturam-se os movimentos juvenis sionistas socialistas cujo objetivo era educar jovens judeus, formar futuros *chalutzim*, a fim de assegurar a continuidade do fluxo migratório para *Eretz Israel* e manter viva a ideologia pioneira” (p. 109). Apesar da autora se referir aos movimentos socialistas naquele determinado período histórico é possível utilizar esta mesma definição para compreender os movimentos existentes atualmente em Porto Alegre, sendo estes o *Habonim Dror*, a *Chazit Hanoar* e o *Betar*.

Cada movimento juvenil possui liderança própria com organização específica e, apesar das diferenças que os distanciam em alguns aspectos, os movimentos juvenis em Porto Alegre possuem grandes semelhanças. O objetivo dos movimentos é proporcionar um espaço de interação entre jovens judeus, onde são vivenciados valores judaicos éticos, religiosos, costumes e tradições. A estrutura do movimento é formada por crianças e jovens numa idade aproximada de 6 a 22 anos. Os mais velhos são responsáveis pela organização do movimento e são os educadores das crianças através de uma educação informal. Por meio da educação o movimento acredita ser possível formar jovens críticos ativos na vida comunitária em Porto Alegre e em Israel, preocupados com o que acontece na sociedade em sua volta. O Shnat Hachshará (ano preparatório em hebraico) é a viagem realizada pelos jovens dos movimentos juvenis a Israel. O movimento juvenil é formado por grupos, nos quais é salientada a importância de saber conviver e trabalhar em grupo. Cada Kvutzá (grupo em hebraico) é formada a partir da entrada das pessoas no movimento quando crianças e é construída com o passar do tempo. Cada grupo pode adquirir novos membros que se alocam nas kvutzot conforme suas idades. Todo ano uma kvutzá participa do programa Shnat Hachshará, tendo os participantes uma idade média de 18 anos. O Shnat Hachshará é o marco no qual os jovens do movimento moram em Israel vivenciando o país e se preparando para, na volta, assumirem a liderança de seus movimentos.

Durante a pesquisa em campo e segundo os relatos dos entrevistados o Shnat Hachshará aparece como o principal diferencial adquirido pelos jovens participantes de movimentos juvenis. Os entrevistados descrevem o programa Shnat como uma experiência que possibilita diversos aprendizados através da vivência disponibilizada pelo programa. Esta viagem é o marco diferenciado do movimento juvenil, onde os participantes formam um grupo que pelo período de um ano compartilham momentos relevantes para a formação do grupo e de cada indivíduo. Os relatos abaixo apontam algumas características marcantes do programa Shnat Hachshará através do olhar dos entrevistados:

O Shnat te coloca dentro de uma problemática que é a própria condição judaica e, depois, o que ele trás de interessante é uma vivência, você sair da sua própria cultura daqui, você encontra outros valores, outros referenciais. Enfim, é uma experiência de sair da sua própria cidade e conhecer outras coisas.

Pedro, participante do programa em 1965

Eu acho que o principal objetivo do programa é a vivência, porque de conteúdo que a gente tem assim a gente pode ter em qualquer lugar. Lá é que a gente consegue vivenciar como que é a vida mesmo em Israel. Como é que as pessoas vivem lá, como são os subgrupos que vivem lá, como que é o Kibutz , todo esse tipo de coisa.

Fabiana, participante do programa em 2002

Teve uma coisa bem marcante, que eu trabalhei com o pessoal que era de Darfur. Então a gente dava um auxílio para eles. Era só um grupo que fazia isso, tinha também um grupo de palhaços médicos que ia aos hospitais fazer diversão. Tinha um grupo que trabalhava com o pessoal que sobreviveu ao holocausto e outro que fazia trabalho com a sociedade israeli.

Bruno, participante do programa em 2008

Eu considero o Shnat o nosso maior marco educacional, em que temos contato diretamente com as ideologias da tnuva (movimento), seja por vivência, seminários, leituras, pessoas que ouvimos, etc. É um ano inteiro em função do Dror, respirando Dror, um ano de preparação como já diz o nome.

Eduardo, participante do programa em 2009

De acordo com os relatos (realizados no ano de 2011) fica explícita a questão do Shnat como uma grande *vivência*. Vivenciar Israel. É desta forma que os participantes dos movimentos juvenis acreditam que é possível ter a preparação para na volta se tornarem líderes na comunidade judaica e manter uma forte identificação com Israel.

Desta forma, é possível analisar o impacto dessas viagens para a estabilidade e o desenvolvimento da comunidade judaica, ressaltando processos internos e externos da comunidade. Anita Brumer (2008) nos permite entender que a percepção de que a educação não formal vivenciada no movimento juvenil, juntamente com as sinagogas e a educação formal das escolas judaicas, tem papel fundamental na afirmação da identidade judaica. Estes movimentos, levados pelos jovens da comunidade judaica, são a força jovem da comunidade, é onde os jovens têm espaço para se encontrar e seguir o judaísmo do seu modo; na maioria das vezes mais voltado para o lado cultural do que para o religioso. Esta característica relacionada à religião foi discutida por Carla Pinsky (2000) no seguinte trecho onde ela retrata o movimento juvenil Dror: “Certas tradições que, em sua origem, tiveram alguma ligação com a religiosidade, perdiam esse caráter quando retomadas pelo Dror, que procurava tratá-las como heranças culturais do povo judeu e, didaticamente, como meios de reforçar a coesão nacional” (p. 185). Os movimentos juvenis têm como meta fortalecer a comunidade local e, ao mesmo tempo,

uma forte identificação com Israel. A viagem realizada por estes jovens judeus ativos dentro dos movimentos juvenis possui um alto nível de importância para o grupo.

É possível relacionar a experiência desses jovens com o papel assumido de liderança após o retorno, em atividades da comunidade judaica porto alegreense. Com base nessa investigação considero possível uma aproximação com o que esses jovens fazem ao seu retorno, pensado em quais são as posições que os jovens assumem ao retornar da viagem e suas reflexões sobre identidade individual e coletiva. Também é relevante conhecer os aspectos relacionados ao apoio, em âmbito internacional da comunidade judaica, que existe aos jovens que fazem Shnat, tanto financeiro³ como cultural. Também podemos pensar o apoio financeiro em seus aspectos culturais. Essas viagens são incentivadas financeiramente por representarem um papel muito importante para toda a comunidade judaica, englobando diáspora e Israel. Nas palavras de Mittelberg “Israel has the potential to be a focus (partial or otherwise) of Jewish identification for all Diaspora Jews, or to act as a locus of Jewish experience – whether physical or virtual – to be lived through” [8] (2007, p. 40)

3.2. A relação entre o sionismo e a questão da tradição na comunidade judaica de Porto Alegre

A relevância do programa Shnat Hachshará no contexto local da comunidade de Porto Alegre possibilita problematizar a relação entre o sionismo e a questão da tradição na comunidade judaica, que também aparece no âmbito geral deste trabalho. A comunidade judaica de Porto Alegre tem como característica a sua ligação com o Estado de Israel, as identidades e tradições possuem uma significação que é perpetuada a partir do sionismo, além de ocorrer uma renovação de costumes através de uma tradição passada por gerações. Esta renovação de costumes foi descrita por Mittelberg (2007) como “re-ethnification”, sendo os agentes desta “re-etnificação” a educação judaica, a celebração dos ritos de passagem (como bar/bat mitzvá), participação em grupos judaicos informais e viagens educacionais para Israel (em todas as idades).

Além da renovação de costumes, comparando a geração dos jovens com a geração dos seus pais e avós, visualiza-se uma mudança que remete a uma mudança histórica. Os pais e avós dos jovens de hoje foram pioneiros, iam para Israel numa

³ Esta questão será abordada de forma mais aprofundada no próximo capítulo, porém, é relevante destacar que existem entidades judaicas internacionais voltadas para o apoio financeiro a viagens para Israel que disponibilizam bolsas para os interessados, assim como o apoio do governo israelense.

época em que o Estado estava em processo de formação. Já os jovens que fazem este programa atualmente se deparam com uma nova realidade inexistente na época de seus pais e são impactados de uma forma diferente. Este recorte geracional pode ser comparado ao recorte que Jardim (2000) faz no seu trabalho, enfatizando as diferenças vivenciadas por cada geração: “Para os pais, é a uma aldeia de origem que é reconhecida na Palestina. Para os filhos, envolve outras situações, entre elas o aprendizado da língua árabe como um dos eixos de reconhecimento e de recriação da origem.” (p. 293). Outra comparação que pode ser realizada entre o caso judaico e o caso palestino é que em ambos os casos ocorre um incentivo dos pais para que seus filhos visitem a sua “terra de origem” devido ao forte impacto destas viagens na construção da identidade pessoal e também porque o jovem que viajou contribui de diferentes formas na sua volta na comunidade.

A identidade judaica pode ser percebida através das características e das ações da comunidade judaica. Adriana Spilki e Anita Brumer (2005) apresentam alguns elementos relevantes acerca da identidade no seguinte trecho:

Em síntese, no exame da identidade de um grupo étnico merecem destaque alguns elementos: a história e a memória, a religião, a tradição, a língua, a cultura (música, danças, artefatos, comidas típicas, etc.) e o território de origem. Além disso, também assumem importância as representações que os próprios membros do grupo têm sobre sua inclusão ou não no grupo (p. 394).

A comunidade judaica em Porto Alegre compartilha algumas características e locais que são fundamentais para compreender como a comunidade se perpetua na cidade e também para descobrir as suas especificidades. Problematizando a questão da “re-ethnification” e analisando os elementos que compõe a identidade judaica apresento aqueles que considero os principais enfoques desta comunidade:

3.3. Bairro Bom Fim, o local compartilhado em Porto Alegre

De manhã Joel ia ao colégio. Descia de má vontade a Rua Fernandes Vieira, passando pelo armazém do “chazan”, o terreno baldio, o sombrio palacete azul, a padaria três estrelas. Chegava à esquina da Avenida Oswaldo Aranha (...) e de lá corria ao Cinema Baltimore para olhar os cartazes do filme que veria na matinê de domingo.(...) Finalmente chegava ao colégio Ídiche. (p. 16 “A Guerra no Bom Fim”, SCLIAR)

Moacyr Scliar descreve no seu livro “A guerra no Bom Fim” como era o andar pelo bairro Bom Fim, local de moradia da comunidade judaica e onde todos eram conhecidos e compartilhavam deste espaço geográfico. Atualmente ocorre essa mesma identificação, onde andar nas ruas do Bom Fim significa “encontrar um conhecido a cada esquina”. Mesmo aqueles que não residem neste bairro possuem um forte ligação com ele, uma vez que as entidades e os eventos ocorrem no bairro.

Porto Alegre possui sinagogas de diferentes linhas religiosas, como a ortodoxa e a liberal, que estão concentradas no bairro Bom Fim. Algumas mudanças ocorrem no decorrer dos anos, sendo em alguns anos uma sinagoga a mais frequentada e, em outros anos, uma outra sinagoga, porém, de modo geral as sinagogas são um ponto de encontro durante todo o ano para pessoas que se dizem mais religiosas e, na maioria dos casos, serve como ponto de encontro nas datas específicas do calendário judaico, como nas celebrações de Pessach, Iom Kipur e Rosh Hashaná. As sinagogas também são palco para outras atividades, como palestras, ensaios de grupos de dança israeli e grupos com atividades para crianças.

Outra característica que exerce um papel fundamental na comunidade de Porto Alegre é o idioma hebraico, que pode ser aprendido tanto na escola judaica como em cursos específicos nos clubes judaicos e movimentos juvenis. A língua oficial de Israel é valorizada como uma forma de identidade judaica, ela funciona como uma conexão entre diáspora e Israel. O grupo valoriza tanto o saber falar hebraico, significando um conhecimento de Israel e uma forma de pertencimento à comunidade quanto a utilização de palavras em hebraico para dar nome a grupos e funções específicas no contexto da comunidade como, por exemplo, os nomes dos movimentos juvenis e de outras entidades judaicas.

Cabe salientar que antes do hebraico esta função era desempenhada pelos dialetos oriundos dos países de origem dos imigrantes. O Ladino e o Ídiche eram falados na geração dos primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul.

Também no bairro é possível encontrar lojas que vendem comidas tradicionais judaicas, além dos restaurantes e confeitarias que oferecem pratos típicos. As imagens abaixo representam as duas categorias de comida pertencentes às tradições da comunidade judaica em Porto Alegre. Na primeira categoria estão as receitas oriundas dos países de origem e que são normalmente consumidas nas festas judaicas. Como, por exemplo, o Varenikes: prato salgado com massa e batata típico na região da Polônia, o Guefilte Fish: bolinho de peixe típico como prato de entrada em jantares e a Matzá: pão

ázimo que deve ser comido em Pessach (páscoa judaica). A segunda categoria é composta pela comida israelense. Pratos típicos da culinária israelense são preparados e saboreados pela comunidade judaica em Porto Alegre. Inclusive as marcas industrializadas de Israel são valorizadas. Em Porto Alegre existem dois ou três pequenos mercados onde são comercializadas mercadorias israelenses. Alguns exemplos são o falafel⁴: bolinho de grão de bico, o humus: pasta de grão de bico e o famoso “chocolate da vaquinha”⁴: como é chamada uma marca israelense de chocolate.

• Comidas trazidas dos países de origem e típicas de festas/celebrações judaicas



Varenikes



Guefilte fish



Matzá

• Comida israelense



Falafel



“Chocolate da vaquinha”



Humus

Nas imediações do Bairro Bom Fim está sediado o Colégio Israelita de Porto Alegre. É um lugar central para o convívio dos alunos, que na sua maioria são de origem judaica. O colégio disponibiliza aulas sobre temas ligados ao judaísmo e aulas de hebraico na sua grade curricular obrigatória e estimula os alunos e a comunidade local a vivenciar aspectos da cultura judaica. O colégio que foi fundado em 1922 celebra as festas judaicas, tem grupos de dança israeli em todas as séries e proporciona atividades extracurriculares para os alunos, ex-alunos e comunidade em geral.

⁴ Ao referenciar o falafel e o humus é relevante perceber que estes produtos também atendem a comunidade árabe, uma vez que são pratos típicos do oriente médio.

Em Porto Alegre existem diversos grupos de dança israeli, são grupos infantis, juvenis, universitários e adultos. Os grupos funcionam em clubes judaicos, no colégio judaico e em sinagogas. Os grupos de dança são relevantes na questão da identidade judaica. Ocorrem encontros semanais para ensaiar a dança que é apresentada em festivais judaicos e em festivais de dança que envolve outros tipos de dança. A dança israeli é um momento de “vivência da identidade judaica” (SPILKI e BRUMER, 1999) que une os judeus em torno de um objetivo comum.

3.4. A pesquisa de campo em Israel

Após ter realizado este primeiro trabalho de campo na comunidade judaica de Porto Alegre e de ter discutido acerca das questões identitárias desta comunidade específica o meu campo se modifica e se torna mais abrangente. Durante a minha estadia em Israel em janeiro de 2012 fui visitar um Merkaz Klitá (Centro de Absorção) para imigrantes em Jerusalém e realizei um trabalho de campo com os Olim Chadashim (Novos Imigrantes) que tinham chegado há poucas semanas em Israel e tinham ido morar neste Centro de Absorção. Acredito que esta segunda inserção em campo foi fundamental por dois motivos. O primeiro é a sua importância para compreender certos aspectos referentes à comunidade judaica e suas relações entre diáspora e Israel que são apresentadas no desenvolvimento deste trabalho. O segundo motivo é a minha inserção em campo propriamente dita. Diferentemente da minha primeira inserção em campo esta segunda etapa me permitiu um “deslocamento para o campo”, tanto físico como por ser uma pesquisadora “de fora” em certos aspectos.

Durante o trabalho de campo em Porto Alegre a tarefa mais importante e complicada foi fazer com que os entrevistados falassem como se estivessem conversando com alguém que não conhecesse aquele meio. Muitas vezes escutei frases como “Participávamos de tais atividades, como tu já conhece e sabe”. Porém, o meu objetivo era justamente captar a visão dos entrevistados inseridos naquele meio, e não a minha visão. Perceber estas dificuldades foi importante para poder conduzir as entrevistas de forma adequada e para não permitir que eu, sendo “de dentro”, me tornasse um empecilho para a realização do trabalho de campo. Já no trabalho de campo em Israel confronto uma nova perspectiva de inserção em campo. O deslocamento para Israel permitiu concretizar uma nova forma de observação participante. Por não conhecer previamente nem o local nem os interlocutores foi necessária uma entrada em campo através do contato realizado com uma informante principal e de ter que ser,

primeiramente, aceita pelo grupo. Acredito que de certa forma isto representou um rito de passagem, assim como Vagner Gonçalves da Silva relata no seguinte trecho:

O deslocamento do antropólogo para os locais onde vivem aqueles que ele deseja observar e sua permanência durante o maior tempo possível continuam sendo um rito de passagem, valorizado por seus praticantes, e que confere à antropologia um certo ‘carisma’ por sua aura de aventura a céu aberto (2000, p. 26).

Desta forma, a minha inserção em campo possibilitou ter uma nova experiência como pesquisadora e conhecer uma outra realidade da comunidade judaica. Entretanto, apesar da minha inserção em Israel ter ocorrido desta forma é fundamental compreender que utilizo da minha rede de conhecidos no meio judaico para chegar até o Merkaz Klitá em questão e conhecer a minha informante principal. Antes mesmo de chegar em Israel já tinha feito contato com alguns amigos que moram lá pedindo indicações de pessoas que morassem em Centros de Absorção. Foi desta forma que comecei a ter contato pelas redes sociais com a minha informante principal Ana⁵ e que, ao chegar em Jerusalém, marquei um primeiro encontro com ela no próprio Merkaz Klitá.

Esta relativa facilidade que tive para conhecer informantes leva a problematizar como cada pesquisador terá uma inserção diferenciada em campo, o que também influencia para que os resultados sejam distintos. Assim como Vagner Gonçalves da Silva afirma que “as relações intersubjetivas estabelecidas entre pesquisadores e pesquisados influenciam a abordagem de campo e os resultados da pesquisa, no texto” (2000, p. 182) acredito que cada pesquisador em campo vai por um caminho diferente. Desta forma, o fato de eu ser pertencente a uma comunidade judaica e conhecer previamente alguns aspectos da imigração judaica para Israel e ter contato com jovens que já imigraram faz com que eu tenha uma determinada inserção em campo e analise os dados obtidos de forma diferente de um pesquisador que não conheça anteriormente seu campo.

Por ter conhecido Ana através de uma amiga em comum (que eu conhecia de Porto Alegre e que conhecera Ana em Israel) o contato inicial que tivemos foi muito natural, como uma conversa de amigas se conhecendo melhor. Desta forma, ao nos encontrarmos pela primeira vez nos apresentamos e conversamos de forma geral sobre os nossos interesses. Informei que estava ali realizando uma pesquisa e que era

⁵ Ana é o nome fictício que dou à minha informante principal, a fim de preservar a sua identidade.

estudante de ciências sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul enquanto ela me contava que era formada em Serviço Social e que tinha interesse em fazer uma pós em sociologia ou antropologia. Ana demonstrou um grande entusiasmo em relação ao tema da pesquisa que eu gostaria de realizar a partir dos moradores do Centro de Absorção onde ela morava e se prontificou a me ajudar no que fosse necessário. De fato, a sua ajuda foi essencial para a realização desta pesquisa. Ana foi quem teve uma grande paciência em me explicar como funcionava o Merkaz Klitá e como é o processo de imigração, não poupando detalhes e ainda fazendo questão de me apresentar para outros moradores do Merkaz Klitá. É relevante salientar que Ana fez contato com moradores que ela nem conhecia muito bem apenas com o intuito de me ajudar. E foi desta forma que tive acesso ao Merkaz Klitá. Todas as vezes que cheguei ao Centro Ana me esperava na porta e informava ao segurança que eu era uma amiga que a estava visitando. Então eu entregava ao segurança o meu passaporte, que só poderia ser retirado na saída. À vista disso é fundamental que o leitor compreenda este trabalho partindo dos relatos dos entrevistados. Nunca mantive contato com algum representante do Merkáz Klitá e nem procurei autorização para pesquisar e especificar na pesquisa este Centro de Absorção. Inclusive, acredito que este caminho seria muito mais difícil, sendo pequenas as chances de obter uma autorização deste teor e também porque não me daria em examinar o funcionamento deste centro sem prévia autorização. Acredito que esta possível dificuldade de obter uma autorização oficial para realizar a pesquisa expondo o Centro de Absorção, um local público israelense, se deve a questões de segurança. Eu estava lá apenas como uma turista que aproveitava seu tempo livre para fazer uma pesquisa. Mesmo que apresentasse algum documento comprovando que era estudante em uma universidade brasileira acredito que não seria suficiente para conseguir uma autorização. Então, por ter este receio e por não dispor de muito tempo, optei por realizar a pesquisa somente através da observação e dos relatos dos moradores do Centro de Absorção, não relevando a identidade do Merkaz Klitá visitado.

Antes de destacar alguns pontos da minha observação em campo acredito ser relevante debater acerca da experiência que eu tive, tanto daquela que tive em campo como aquela que tive por pertencer à comunidade judaica antes mesmo de iniciar este trabalho. Acredito que estas experiências são fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Algumas conclusões a que chego e alguns tópicos que apresento só foram compreendidos por mim desta maneira por esta experiência prévia que adquiri. Eu já conhecia alguns termos que eram utilizados em hebraico e já tinha, de alguma

forma, compartilhado de alguns dos sentimentos que vinham à tona durante as entrevistas. E para falar desta experiência é relevante diferenciá-la da minha interpretação. Assim como Clifford afirma que “Faz sentido mantê-las separadas, quanto mais não seja porque apelos à experiência muitas vezes funcionam como validações para a autoridade etnográfica” (1998, p. 35), acredito que a minha experiência deriva também da maneira que me organizei para realizar este trabalho, assim como os relatos dos entrevistados, a observação em campo e de um referencial teórico apropriado para compreender essa experiência de pesquisa.

Feita esta contextualização retomo minha chegada ao Merkaz Klitá. Na minha primeira visita inicialmente fui com Ana até o seu quarto, onde conversamos. Após isto ela me levou para conhecer o Centro e depois fomos até o Hall de entrada e sentamos lá a espera de pessoas⁶. Aos poucos passavam alguns conhecidos de Ana. Ela então me apresentava a eles como uma amiga que estava ali fazendo entrevistas para um trabalho de faculdade. E foi assim que comecei a conhecer outros imigrantes que ali estavam morando. No começo eles aceitavam sentar um pouco e conversar comigo como quem ajuda um “amigo de um amigo”, mas sem entender exatamente qual era o meu objetivo. Eu percebia que eles não compreendiam por que eu estaria justamente ali. Qual poderia ser o meu interesse? Porém, aos poucos fui falando sobre mim e ganhando confiança. Consegui manter uma conversa com os imigrantes e interagir com eles. E assim um entrevistado ia chamando outro amigo que passava por perto e, através de uma rede de indicações, as entrevistas foram acontecendo. Pelo motivo de grande parte das entrevistas terem ocorrido no Hall de entrada, um local com muito fluxo de pessoas e com muito barulho, não foi possível fazer gravações de áudio, como havia sido minha ideia inicial. As entrevistas ocorreram no formato de conversas abertas em que eu fazia algumas perguntas e escrevia algumas anotações à mão em um bloco de notas. Também foram fundamentais os diários de campo que fiz pouco tempo após cada ida a campo, para não perder pontos importantes que não puderam ser anotados na hora.

No Merkaz Klitá moram imigrantes oriundos de diferentes países de todos os continentes. Eu observei as relações do grupo como um todo, porém, nas entrevistas me detive aos imigrantes Latino Americanos. Como o meu objetivo era analisar os processos migratórios de jovens latino Americanos não me interessava abranger nas entrevistas os demais imigrantes, contudo, ao observar a interação do grupo se fez

⁶ Cabe ressaltar que no Hall diferentes idiomas eram misturados para englobar o sujeito na conversa, desta forma as pessoas conversavam em português, espanhol, inglês, hebraico, francês, entre outras línguas.

necessário perceber também que há uma interação geral do grupo, com os imigrantes Latino Americanos e com os imigrantes dos demais países.

No próximo capítulo apresento alguns trechos dos relatos dos entrevistados e analiso alguns pontos que surgiram da análise deste material. Já neste capítulo não trago o que foi dito pelos entrevistados e sim aquilo que foi observado. A observação que fiz foi a partir de um “olhar sensibilizado”, da mesma forma como Roberto Cardoso de Oliveira se refere ao imaginar um antropólogo no início de uma pesquisa junto a um grupo indígena: “Nesse sentido, o interior da maloca não seria visto com ingenuidade, como mera curiosidade diante do exótico, porém com um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível” (2006, p. 19). É desta forma que procuro *olhar* para os novos imigrantes no Centro de Absorção, atenta para aquilo que era possível compreender a partir de suas relações.

Durante as semanas que visitei o Merkaz Klitá pude observar algumas situações da interação entre os moradores que merecem destaque. Cabe salientar que todos os moradores tinham chegado há poucas semanas em Israel e estavam ainda se adaptando ao país e às suas novas rotinas. Desta forma, o grupo que residia no Merkaz Klitá naquele momento era um grupo numa fase de formação. Compunham aquele grupo pessoas de distintos países com diferentes trajetórias, mas que compartilhavam um mesmo local e um mesmo momento de adaptação. A seguir relato alguns episódios que considero relevantes para conceber a dinâmica deste grupo. Tento relatar estes episódios compartilhando aquilo que compreendi a partir de um olhar de dentro, assim como afirma Cardoso:

Os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar – isto é, peculiar à antropologia –, por meio da qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro ‘de dentro’, em sua verdadeira interioridade (2006, p. 34).

3.5. Episódios observados no Merkaz Klitá (Centro de Absorção)

Um dos episódios que relato é que, praticamente em todas as minhas idas ao Merkaz Klitá, presenciei uma roda de pessoas formada ao redor de uma narguila – tabaco muito popular em Israel – que ocorria no pátio do Centro de Absorção. Muitas vezes eu já participei de uma roda de narguila, tanto em Porto Alegre em reuniões com amigos da comunidade judaica como no ano em que morei em Israel. Eu já havia

refletido que a narguila é um símbolo, um elemento que estimula a interação social. Pode-se, inclusive, comparar a presença da narguila em rodas de jovens judeus com a presença do chimarrão em rodas de amigos no estado do Rio Grande do Sul. Ambos são objetos que podem ser o motivo de uma reunião. Apesar destas indagações que eu já tinha elaborado acerca da presença da narguila no meio jovem na comunidade judaica, foi somente quando eu estava em campo que percebi o quão importante este símbolo pode ser. As rodas de narguila que observei cumpriam um papel de facilitadoras nas relações sociais. Pessoas que não se conheciam, ou se conheciam apenas de vista, se juntavam em uma mesma roda, conversando e se conhecendo melhor. Destaco este episódio porque esta situação exemplifica o clima do Centro de Absorção, onde as pessoas se encontravam numa situação semelhante e estavam abertas para se conhecerem. Como eram as primeiras semanas deles morando no Merkaz Klitá eu pude observar a formação de novas amizades, algumas que devem continuar para além da estadia no centro.

Outra situação que destaco ocorreu no hall de entrada. Um dos imigrantes anunciou em voz alta que iria sair para correr no centro da cidade e perguntou se alguém gostaria de acompanhá-lo. Algumas pessoas olharam e não deram muita importância, então, um outro morador respondeu que gostaria de ir junto. Os dois se apresentaram falando seus nomes e o número dos seus quartos e combinaram de se encontrarem em 15 minutos para saírem. Passados quinze minutos ambos retornaram e saíram juntos, conversando e rindo. Este episódio reflete como o fato de estar numa situação comum facilita as relações, criando um fortalecimento entre as relações dos migrantes que, se estivessem em uma outra situação, poderiam nunca terem saído juntos.

O terceiro episódio que relato ocorreu em uma noite após o horário de janta no refeitório. Cerca de quinze pessoas se reuniram num pequeno auditório onde tinha um piano. Todos eram Latino Americanos e cantavam músicas e tocavam no piano e com um violão. Cantaram algumas músicas brasileiras e algumas músicas israelenses. O clima era muito festivo e descontraído, algumas pessoas que passavam por perto entravam e participavam. Esta reunião durou cerca de duas horas e, quando acabava, ficou combinado para ocorrer na próxima noite novamente. Alguns saíram mais cedo por que iriam ver um filme numa outra sala, outra atividade que estava sendo realizada em grupo.

O último episódio que relato é uma saída para um bar no centro da cidade. Era o aniversário de um dos imigrantes e algumas pessoas combinaram de sair à noite para ir

a um bar. Fui convidada e os acompanhei. Ficamos na parada de ônibus esperando um ônibus e chegamos todos juntos no bar. Sentamos em uma mesa e se conversou sobre diversos temas, inclusive sobre algumas pessoas que moravam no Merkaz Klitá e a relação entre eles. Nem todo mundo conhecia todo mundo que era citado na conversa, alguns diziam que eram colegas na turma de hebraico mas nunca haviam conversado e alguns não se conheciam, principalmente quando se tratava de pessoas de outros países. Eu percebia que aquelas pessoas que ali estavam formavam um grupo de amigos dentre o grande grupo dos imigrantes moradores do Centro de Absorção. Apesar das poucas semanas as relações já começavam a se diferenciar e a se solidificar.

Acredito que os quatro relatos apresentados exemplificam o clima no Merkaz Klitá, explicitando que todos ali eram recém-chegados, preocupados com os seus planos pessoais, como veremos no próximo capítulo, mas também preocupados em estabelecer relações com os demais. Conforme será apresentado no próximo capítulo, percebe-se que todos os imigrantes entrevistados possuíam planos individuais bem definidos para quando saíssem do Merkaz Klitá. Entretanto, também é relevante observar como ocorreu esta relação entre eles, que se baseou majoritariamente no apoio e fortalecimento das relações neste momento de adaptação e transição. Outra característica que demonstrou esta necessidade e vontade de criar grupos e fortalecer relações foi a criação de diversos clubes nos quais as pessoas se inscreviam para participar. Eram grupos de esportes, de jogos, de cinema, entre outros, procurando interessados. Havia no hall de entrada um mural com folhas para inscrição nestes clubes, conforme foto abaixo.



Apesar de não identificar qual Merkaz Klitá foi visitado descrevo brevemente a sua estrutura, para facilitar a compreensão do que é um Centro de Absorção. Ele é composto por um amplo local com prédios e pátios, tendo dormitórios, refeitório, sala de ginástica, lavanderia, salas de aula, entre outras estruturas físicas. Nesta mesma estrutura funciona o “Ulpan Ivrit” (curso de hebraico); todos os moradores do centro de absorção participam do curso de hebraico. O objetivo é disponibilizar aos novos imigrantes o aprofundamento na língua hebraica, para que quando saiam do centro de absorção possam continuar com suas vidas inseridos na comunidade israelense. O principal local do Merkaz Klitá para o desenvolvimento da pesquisa foi o hall de entrada, que era amplo e com algumas cadeiras e mesas. A maior parte das entrevistadas foi realizada naquele local por ser um local de passagem e onde pude conhecer muitas pessoas, principalmente através das indicações dos próprios entrevistados. Abaixo está um foto da rua onde se localiza o Centro de Absorção, uma rua típica de um bairro residencial não religioso em Jerusalém localizado relativamente próximo ao centro da cidade.



Neste capítulo tentei cumprir com a proposta de apresentar os principais tópicos observados no trabalho de campo e evidenciar qual foi o meu percurso até chegar neste tema específico. Esta tarefa não é fácil e não é possível abranger em poucas páginas toda a complexidade do campo. Assim como Vagner Gonçalves da Silva afirma que “o texto etnográfico em geral é uma redução brutal das inúmeras possibilidades de interpretação da experiência de campo e do difícil exercício de alteridade realizado entre o antropólogo e seus interlocutores” (2000, p. 118) acredito que este trabalho é capaz de mostrar apenas uma faceta do caso da imigração Latino Americana de jovens judeus para Israel e, a partir desta faceta, proponho uma análise mais ampla da relação entre Diáspora e Israel e a inserção do indivíduo judeu dentro da comunidade judaica. Assim como Marcio Goldman problematiza em seu livro “Alguma Antropologia” que “as noções de pessoa são inseparáveis das noções de sociedade” (1999, p.33) acredito que é necessário relacionar indivíduo e sociedade no caso judaico em questão, onde a pessoa mantém uma relação, em diversos circuitos, com a “sociedade judaica” e ambas são complementares. Problematizo esta relação entre comunidade judaica e os indivíduos integrantes desta no próximo capítulo.

4. O olhar dos entrevistados

Este capítulo apresenta algumas considerações que surgiram a partir do olhar dos interlocutores. Discorro acerca de aspectos relatados pelos entrevistados que moram no Merkaz Klitá relacionando-os com as circunstâncias específicas da migração em Israel. Apresento as questões relacionadas à identificação com Israel abrangendo noções de pertencimento e território; o acolhimento proporcionado por Israel; as motivações para fazer Aliá; o fato de muitos imigrantes já terem viajado anteriormente para Israel, sendo a imigração um retorno; e a importância da língua hebraica como um elemento de identificação.

A pesquisa que realizei em janeiro de 2012 em Jerusalém, Israel, como analisado no capítulo anterior, foi realizada com os jovens Latino Americanos que tinham imigrado há poucas semanas para Israel e que estavam morando em um Centro de Absorção (Merkaz Klitá). Desta forma, se faz necessário compreender claramente o que é um Centro de Absorção e o que implica os entrevistados morarem nestes centros. O Centro de Absorção é um complexo habitacional que recebe os novos imigrantes judeus e que tem por objetivo auxiliar os imigrantes no primeiro momento de adaptação. Esta estrutura é uma especificidade Israelense, devido ao incentivo que o governo Israelense fornece para a imigração. Existem diversos centros de absorção espalhados pelo país, cada um com uma estrutura específica como, por exemplo, os centros que possuem uma estrutura na cidade e os centros que estão localizados dentro de Kibutzim. O centro de absorção que eu conheci e onde realizei as entrevistas, além de ser um complexo habitacional com quartos, cozinhas, refeitório e salas de lazer, como já relatado no capítulo anterior, também oferece o Ulpan, que é um programa com aulas intensivas de hebraico oferecido no mesmo complexo por uma equipe de professores. Esta estrutura fornece aos Olim Chadashim (novos imigrantes) a possibilidade de inserção na sociedade israelense. O tempo médio que os novos imigrantes moram nestes centros de absorção é de seis meses, considerado o tempo suficiente para o aprendizado inicial do hebraico e para que o imigrante realize suas escolhas profissionais e educacionais, optando por se inserir no mercado de trabalho ou por iniciar um curso superior para que se insira, de fato, na sociedade israelense.

Desta forma, ao entrevistar os moradores de um Merkaz Klitá é possível ter uma visão da conjuntura que envolve os novos imigrantes. O Merkaz Klitá que conheci é voltado para os imigrantes na faixa etária entre 20 e 30 anos, fato que possibilita

restringir a pesquisa ao público imigrante jovem, que representa uma grande parcela das imigrações de forma geral.

O jovem judeu na diáspora é incentivado tanto para visitar quanto para imigrar para Israel. Mittelberg (2007) cita em seu artigo a pesquisa realizada em 1997 por Chazan que investiga o impacto da experiência em Israel na formação da identidade nos jovens. E ele chega à conclusão de que a viagem para Israel na juventude é um elemento muito positivo para a formação da identidade judaica na fase adulta. (p. 33). Este resultado exemplifica a importância prática de visitar ou morar em Israel. É relevante perceber que o incentivo para que os jovens conheçam Israel acaba também sendo um incentivo para o aumento da Aliá entre os jovens.

Um dos motivos que pode explicar o apoio que a comunidade oferece para que os jovens possam conhecer Israel seria o argumento apresentado por Alan Hoffman (2007) em seu artigo “Israel Experience and Jewish Peoplehood”. Hoffman afirma que atualmente um judeu pode escolher ser judeu, o que é algo relativamente recente uma vez que há algumas décadas uma pessoa judia era assim estigmatizada, sem a possibilidade de escolha de pertencimento à cultura, religião e povo. Atualmente é possível ter origem judaica e escolher não ser judeu. Com esta nova configuração os jovens judeus precisariam de uma motivação para de fato se sentirem judeus. No seguinte trecho Hoffman apresenta características capazes de atrair os jovens para dentro da comunidade judaica: “The concept of Jewish peoplehood, which encompasses all aspects of the culture – including history, homeland, religion and spirituality – offers a fresh and exciting entry point for many Young people” [9] (p. 48). E a principal forma de conectar um jovem judeu com o povo judeu é através de Israel, que se torna a principal arma para garantir o futuro judaico.

As viagens para Israel, da mesma forma como Israel ocupa esta posição de destaque no processo de identificação com a comunidade judaica, são igualmente valorizadas, uma vez que agem no cotidiano da diáspora. As viagens internacionais conectam Israel e diáspora e proporcionam uma recriação das tradições de origem e do sentimento de pertencimento, assim como Jardim (2000) afirma no seguinte trecho:

Saliento a viagem como uma iniciação dos jovens, de forma proporcionada e planejada pela família. Uma experiência que resulta na redescoberta e recriação da pertinência do tema da origem comum. Esta descoberta, longe de ser uma experiência individual, casual e disponível a qualquer um, pelo simples fato de ser filho de um migrante e de observar o que se passa em

casa, demonstra os caminhos de uma experiência coletiva que necessita pensar sobre alteridades (p. 284).

Ao observar os moradores do Centro de Absorção em Jerusalém e a partir das entrevistas realizadas surge uma série de aspectos relevantes sobre o caso específico da imigração judaica de jovens Latino Americanos para Israel. Analisando este grupo é possível problematizar tanto as especificidades desta imigração como relacioná-la com um contexto mais amplo. Victor Turner (2008) analisa as características que envolvem as ações dos peregrinos, algo que tem muito em comum com a imigração judaica e que é válido para problematizar a questão do “ir e vir”:

Documentos adequados e relatos orais das experiências pessoais e observações de peregrinos e de pesquisadores isentos nos possibilitam considerar o processo social, envolvendo um determinado grupo de peregrinos durante seus preparativos para a partida, suas experiências coletivas na viagem, sua chegada ao centro de peregrinação, seu comportamento e suas impressões neste centro, e sua viagem de volta como uma seqüência de dramas e empreendimentos sociais, e outras unidades processuais isoladas pela apresentação de um número adequado de casos, nos quais ocorre um desenvolvimento da natureza e da intensidade dos relacionamentos entre os membros do grupo de peregrinação e seus subgrupos (p. 156).

Estas características do processo social do peregrino de Turner norteiam a forma como esta pesquisa foi desenvolvida. É justamente através das relações do grupo formado pelos moradores do Merkaz Klitá, da sua chegada e de experiências iniciais em Israel, de uma possível volta para seu país de origem ou então dos planejamentos para empreendimentos futuros que apresento esta pesquisa. A análise do material empírico possibilitou a criação de alguns eixos principais para compreender esta modalidade de imigração. Apresentarei os resultados obtidos através destes eixos principais.

4.1. Identificação com Israel: noções de pertencimento e território

A primeira questão que aparece nas entrevistas é o sentimento de identificação com Israel. Os entrevistados demonstram que resolveram imigrar para Israel porque acreditam que Israel possibilita um novo estilo de vida. Um dos entrevistados faz a seguinte afirmação: *“Acredito que aqui posso viver como judeu de maneira completa. Israel é mais parecido com a cultura que tenho”*. (Entrevistado de Porto Alegre – RS – 20 anos). Através deste trecho é possível compreender que quem resolve fazer Aliá já

possui um sentimento muito forte de identificação com Israel. De forma diferente de outros processos migratórios, quem faz Aliá tem um sentimento anterior à decisão de imigrar de que vai se inserir na cultura de forma positiva, ou até mesmo já se sentindo como participante desta cultura. Isto se diferencia dos demais processos migratórios principalmente porque muitas vezes o maior receio do migrante é não se adaptar com a cultura do novo país.

Um segundo trecho de outro entrevistado relata outra forma de interpretar a identificação com Israel: *“Me siento enamorado con Israel. Por ejemplo, las bicis que ves en la calle de Tel Aviv, es un clima distinto”*. (Entrevistado de Montevidéu – Uruguai – 22 anos). A partir deste relato percebe-se que o entrevistado se refere àquilo que o encantou no novo país que escolheu para morar. Mesmo sem fazer referência direta ao seu país de origem é possível compreender que este é um possível contraponto ao que ele estava habituado.

Estes dois trechos de entrevistas apresentados podem ser vistos como exemplos das diferentes formas de manifestação da identificação com Israel. Eles podem ser relacionados tanto com a questão étnica como com a questão sociocultural que envolvem este processo de adaptação no país. Neste contexto é interessante compreender a noção de territorialização e a sua relação com o processo de imigração. João Pacheco (1998) faz a seguinte afirmação sobre territorialização:

A noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (p. 4).

Esta noção de territorialização apresentada por Pacheco é significativa para problematizar a construção da identidade étnica em um novo local. No caso da imigração judaica para Israel esta questão possui características ainda mais peculiares. Pelo fato dos imigrantes já se identificarem com Israel mesmo antes de morar no país a identidade étnica já existia. Judeus que vivem na diáspora e judeus que vivem em Israel possuem aspectos diferenciados formando sua identidade étnica, porém, ambos se reconhecem como constituintes de uma mesma identidade étnica. E esta identidade étnica é fundamental na composição da identificação com Israel. Israel, na verdade, é o agente que integra a identidade étnica das diferentes comunidades judaicas pelo mundo,

é o elo comum. Desta forma, a questão da territorialização aponta para algo que vai além do espaço físico, está também nas relações e mediações que relacionam Israel e diáspora.

A territorialização também pode ser pensada a partir do conceito de “fronteiras sociais” de Fredrick Barth (2000). No seguinte trecho ele discorre acerca do entendimento de fronteira étnica:

A necessidade da interação com o outro para reafirmar ou mesmo descobrir a própria identidade faz parte do exercício diário na antropologia. Isso significa que a fronteira étnica – em sua acepção mais extensa – na verdade é livre dos constrangimentos territoriais, é algo ‘portátil’ (p. 21).

É necessário compreender quais são os elementos que caracterizam um grupo étnico. Spilki e Brumer (2005) afirmam que “Um grupo étnico caracteriza-se por perpetuar-se biologicamente, partilhar valores culturais fundamentais e contar com membros que se autoidentificam e são identificados por outros, constituindo uma categoria distinguível de outras categorias de mesma ordem” (p. 393). É plausível enquadrar o caso judaico nesta descrição, uma vez ser judeu vai muito além de uma definição religiosa. Ser judeu é justamente pertencer (e sentir-se parte) a um grupo que possui uma história de povo milenar e que se identifica através de uma cultura. Por estas razões é que é possível compreender o sentimento de identificação com Israel a partir do pertencimento étnico do imigrante.

Uma das formas que estimula o pertencimento étnico na diáspora é através da participação em escolas judaicas e em movimentos juvenis, como já foi visto em capítulos anteriores. Os jovens encerram os seus estudos nas escolas com uma média de 17 anos. Já nos movimentos juvenis a faixa etária média para desligamento é aos 22 anos. Uma das características percebidas é que ao sair de ambos os lugares o jovem judeu tem possibilidades muito menores de participação ativa na comunidade judaica. Esta participação se restringe a um número menor de pessoas que continua conectada em grupos de dança e em algumas entidades judaicas. Porém, a grande maioria não tem uma participação tão ativa na comunidade como já teve algum dia. A forma mais comum de participação se torna o contato com grupos de amigos e a participação em eventos como bazares e shows. Acredito que este possa ser um dentre os motivos que amplia a importância de Israel para a manutenção da identidade judaica. Ou seja, a identificação com Israel passa a ser ainda mais valorizada na medida em que um jovem

que se sente participante da comunidade mas não está vinculado fisicamente com nenhum grupo organizado. Israel passa a ocupar o primeiro lugar na rede de identificação judaica. Este fato não diminui a importância da participação em entidades judaicas, pelo contrário, mostra que na ausência de uma participação ativa na comunidade, em sua faixa etária, são necessárias outras formas de identificação. E se Israel já ocupava um espaço relevante dentro de movimentos juvenis e escolas judaicas, esta conexão se torna ainda mais profunda nesta faixa etária formada por jovens que saíram dos movimentos juvenis há poucos anos. Acredito que este argumento é relevante para compreender os interesses e as motivações de jovens na faixa etária entre 20 e 30 anos para realizar Aliá.

Outra especificidade da identificação com Israel é que este Estado surge como uma nova forma de identificação que substitui a identificação puramente religiosa. Graciela (2007) debate sobre este tema no seguinte trecho: “The State of Israel offered these communities a sense of purpose, an objective to defend. A sense of Jewish national identity as an alternative to a purely religious one” [10] (p. 240) Isto colabora para que cada vez mais se enxergue o judaísmo como algo que vai muito além de uma religião. O judaísmo é a história de um povo com cultura e tradições específicas e compartilhadas. O judaísmo, tanto na diáspora com em Israel, possui fortes tradições seculares e religiosas, principalmente nas últimas décadas quando a religião se torna uma opção dentro do judaísmo. Judeus de diferentes correntes religiosas convivem em Israel, sendo que todas são importantes para a constituição e para a revitalização da identidade judaica. Analisar a corrente ortodoxa, por exemplo, é a principal forma de encontrar tradições que vem sendo seguidas de geração para geração sem grandes alterações. Já linhas religiosas mais liberais são importantes para mostrar que o judaísmo vem se atualizando. E judeus que não são tão próximos da religião, ou até mesmo que se considerem ateus, são relevantes para mostrar toda a questão cultural e social que está presente na comunidade judaica. E é interessante pensar como esta diversidade de ideias e de formas de pertencimento são abarcadas pelo sentimento em comum de identificação com o povo e de identificação com Israel.

4.2. Acolhimento em Israel

Um dos principais aspectos que diferencia o processo migratório de judeus para Israel dos demais processos migratórios é a política de acolhimento que Israel oferece. Os entrevistados afirmam que este acolhimento é muito importante na hora de escolher fazer Aliá. Para compreender a visão dos entrevistados destaco os dois trechos abaixo:

Israel é o nosso lugar. Nenhum outro lugar dá essa ajuda. É mais cômodo ficar no Brasil, mas não é o nosso lugar. Eu sou datí (religioso) desde pequeno e não tem melhor lugar do que aqui em Israel para se sentir bem com kipá na cabeça. (Entrevistado de Belém – Pará – 25 anos).

Israel é um país para começar nova vida, é tudo mais fácil. Lá não tinha o que comer.” (quando viajou sozinho para o interior da Argentina). (Entrevistado de Entre Ríos – Argentina – 27 anos).

Estes trechos apresentam dois dos principais motivos para o sentimento de acolhimento por Israel. No primeiro trecho o entrevistado se sente acolhido por achar que em Israel pode ser um judeu religioso de forma natural. Este aspecto é relevante não só para os entrevistados que se diziam religiosos, mas para todos. Todos os que se sentem judeus, independentemente se religiosa ou culturalmente, acreditam que Israel os acolhem por ser judeu. O segundo trecho demonstra que os imigrantes também resolvem imigrar buscando melhores condições de vida e de trabalho, uma vez que Israel disponibiliza uma ajuda emocional e financeira para o imigrante. Spilki e Brumer (2005) se referem a este tema ao tratarem do processo de integração em Israel no seguinte trecho:

O processo de integração de judeus em Israel é facilitado pela existência de uma estrutura oficial, com caráter assistencial, de oferta de cursos de língua hebraica e de especialização profissional e, com frequência, dependendo do caso, de subsídio à instalação e de pagamento de uma bolsa de manutenção durante o período de aprendizado da língua ou de treinamento profissional. (p. 402).

O Merkaz Klitá (centro de absorção) é uma estrutura originada desta política israelense. O objetivo dele é “absorver” estes imigrantes na sociedade israelense. As moradias e os cursos de hebraicos disponibilizados no Merkaz Klitá são de um nível

muito bom, o que só pode se tornar realidade pelo apoio legal e financeiro de Israel, uma vez que o valor pago para morar nele e ter aulas é muito baixo.

A Lei do Retorno⁷ é a que corresponde ao incentivo político da imigração judaica para Israel. A lei estipula benefícios para aqueles que com ela são contemplados, como auxílio financeiro no primeiro período como imigrante em Israel, a passagem de ida, bolsas para faculdades e muitos outros aspectos para uma melhor adaptação do migrante em Israel. Segundo o relato de uma das entrevistadas nas primeiras semanas ela foi ao Ministério de Absorção, que é o órgão do governo responsável por explicar para o imigrante todos os direitos que ele possui. A informante afirma que dentre os benefícios existe o desconto de impostos por um período de dez anos; financiamento de casa; auxílio financeiro nos primeiros seis meses no valor estipulado de em média 2000 Shekalim (em torno de 1000 reais); estudos pagos até os 30 anos (graduação e pós).

A Lei do Retorno também estipula quais são as pessoas que se enquadram para receber estes benefícios. A lei é voltada para qualquer judeu, assim classificado se tiver como comprovar ser descendente de um judeu, ou seja, ter na família em alguma geração (de preferência não muito distante) um familiar judeu. Todos os entrevistados referiram que este documento certificando que é judeu deve ser expedido por um rabino da sua comunidade. Existem duas formas de comprovar ao rabino que se é judeu. A primeira é através da Ketubá, que é o documento de casamento expedido pelo rabino. A ketubá pode ser tanto dos pais como dos avós do imigrante. A outra maneira é se o imigrante é ativo de alguma forma na comunidade, sendo conhecido pelo rabino anteriormente ao pedido do certificado. Apesar destas duas maneiras de obter o certificado terem sido expostas por todos os entrevistados isto vai depender muito de cada rabino, sendo possível que dois rabinos tenham pareceres distintos, um fornecendo e o outro não fornecendo o certificado.

O ponto de quem é judeu perante a Lei do Retorno envolve um discurso que protege uns em detrimento de outros. Qualquer lei que tenha por objetivo analisar através de provas quem é participante de algo específico vai ter que lidar com a questão de inclusão e exclusão, porém, de qualquer forma que se coloque esta lei voltada especificamente para judeus ela terá como característica essa “eleição”. Acredito que

⁷ A lei do retorno, adotada pelo parlamento israelense em 1950, assegura como direito de todos judeus morar em Israel. A Declaração de Independência de 1948 já definia que o Estado de Israel era o lar judaico e que estaria aberto para a imigração judaica e para o retorno dos exilados.

antes de ser uma lei que priorize o “sangue judaico” esta lei deve priorizar o pertencimento do indivíduo à comunidade judaica. De certa forma esta lei tem uma preocupação em ser abrangente, uma vez que a lei do Retorno coloca menos critérios do que a lei religiosa judaica, por exemplo, na qual só é judeu aquele que é filho de mãe judia. Definir quem faz parte ou não de determinado grupo não é tarefa simples, dependendo de características e afirmações que são variáveis.⁸ Porém, acredito que a melhor forma é aquela que se dá de forma coletiva, na comunidade, através do auto-reconhecimento. Inclusive porque ser judeu vai além da religião. Hoffman (2007: p. 49) afirma que *peoplehood* (este termo não tem uma tradução específica para o português mas seria algo que se remete a qualidade do que é pessoa ou de um grupo de pessoas) é o conceito capaz de englobar todos os aspectos do judaísmo e, por este motivo, o sentimento de pertencimento étnico deve ser a principal forma de analisar quem é judeu.

4.3. Porque fazer Aliá – Motivações

Uma das questões feita para todos os entrevistados foi “porque fazer Aliá?”. O objetivo desta pergunta era fazer com que os entrevistados se questionassem quais foram os motivos que os levaram a decidir ir morar definitivamente em Israel. Abaixo apresento duas respostas:

*Pela ideia do desafio, crescer sozinho, ter liberdade.
(Entrevistado de Porto Alegre – RS – 20 anos).*

O mundo é muito pequeno hoje em dia e se pode fazer diferente, sem ter a vida programada. Eu quero explorar o mundo, ver o que acontece por aí. (Entrevistado do Rio de Janeiro – RJ – 25 anos).

Os dois trechos demonstram o sentimento de querer “descobrir o mundo” e de querer ter liberdade. Esta característica pode ser relacionada com o fato de que os entrevistados são jovens entre 20 e 30 anos. Todos eles demonstram que não possuem nada que os prendam a um lugar como, por exemplo, família, filhos e uma carreira estável. Eles não têm medo de fazer uma escolha errada, já que possuem tempo para

⁸ A Lei do Retorno se dirige especificamente para os judeus, porém, existem outras leis que se referem a outros tipos de imigração e que abrangem outros públicos. Neste trabalho, me detive apenas ao caso da imigração judaica que é sustentada pela Lei do Retorno. Entretanto, é relevante ressaltar que existem outras questões relacionadas à imigração para Israel como, por exemplo, o caso de filhos de não judeus que mesmo nascendo em Israel não têm direito à cidadania Israelense. (Maiores detalhes podem ser analisados a partir do artigo “The State of Israel’s Approach to Foreign Workers and Their Families: A Policy of Ignoring Aimed at Segregation” de Anabel Lifszyc Friedlander (2010)).

fazerem o que gostam e descobrirem o que desejam fazer e onde desejam ficar. Esta característica pode ser analisada como um dos motivos que aumenta a porcentagem de jovens que imigram. A motivação é o desafio de imigrar e a vontade de escolher o próprio futuro. Spilki e Brumer (2005) falam sobre os principais motivos para a emigração no excerto abaixo:

Os principais motivos para a emigração de judeus brasileiros para Israel são: 1) crença religiosa ou ideológica; 2) dificuldade de obter emprego ou ter sucesso profissional no Brasil; 3) desejo de independência ou de viver novas experiências (p. 401).

A busca por novas experiências e querer explorar o mundo corresponde a uma ideia de que se pode tentar sem o medo de errar ou sem ter a certeza de que é uma escolha certa ou segura. Isto está relacionado com o contexto atual onde as migrações são exploradas no plano da globalização. Neide Patarra(2006) analisa as diásporas na era da globalização, onde os imigrantes podem estar mais envolvidos com as circunstâncias de seus países de origem do que com os países onde moram. Ocorre uma desterritorialização da identidade social e uma facilitação do ir e vir. Esta noção é interessante na medida em que os judeus podem se identificar com Israel a partir da diáspora, sem a necessidade de morar em Israel. Por outro lado, também se pode pensar em como os imigrantes se relacionam dentro do Estado de Israel e como é o contato com a população israelense. As distâncias ficam menores, facilitando o pertencer a mais de um local ao mesmo tempo e, por consequência, criando um maior estímulo à vontade de conhecer novos lugares e novas culturas.

Como vamos ver mais adiante o Shnat e outros programas em Israel são um estímulo para a Aliá, porém, ao comparar a Aliá com o Shnat a escolha de fazer Aliá tem um lado pessoal mais relevante. No Shnat o grupo tem um peso muito forte porque, apesar de ser um programa longo de duração de um ano, é temporário. Os participantes do Shnat não reestruturam totalmente suas vidas, eles programam um ano de novas experiências para voltar a seus países de origem e seguir seus planos acadêmicos, profissionais e pensando em participar ativamente na comunidade judaica. No caso da Aliá o plano pessoal muitas vezes é para a vida toda. No texto “Imigração e território: o papel de Israel na construção da identidade judaica da Diáspora” (2005) isto aparece da seguinte maneira:

As características humanas historicamente desenvolvidas se encontram objetivadas na forma de relações sociais que cada

indivíduo encontra como dado existente, como formas históricas de individualidade, e que são apropriadas no desenrolar de sua existência através da mediação do outro (JACQUES apud SPILKI e BRUMER, p. 393).

Apesar do plano de fazer Aliá ser um plano estruturado individualmente, tendo a preocupação de em que cidade vai querer morar, que profissão ou graduação vai querer fazer, é um plano motivado pelas experiências grupais. As motivações para fazer Aliá se encontram nesta relação entre o indivíduo e suas relações sociais.

4.4. Retorno a Israel

A grande maioria dos entrevistados já conhecia Israel antes da decisão de fazer Aliá, sendo que muitos realizaram uma primeira viagem com ajuda de custo ofertada por entidades judaicas em programas de curta, média e longa duração. Este incentivo dado pelo governo israelense e também por entidades judaicas internacionais é fundamental para que todo judeu tenha a oportunidade de conhecer Israel. O principal programa que custeia praticamente todos os programas de longo termo para Israel é o MASA. Mittelberg descreve o que é o MASA no fragmento abaixo:

MASA initiative launched in 2005. This new initiative of the government of Israel and the Jewish Agency for Israel was aimed at radically increasing (by subsidizing) the participants in long-term (semester to one year) programmes in Israel in order to quadruple the number up to 20,000 by the year 2008 [11] (p. 39).

Antes de 2005 já existiam programas de subsídios para aqueles que queriam viajar para Israel mas não tinham condições para arcar com os custos, porém, com a criação do MASA o número de pessoas que recebe subsídios aumentou significativamente. Antes era possível conseguir subsídio, porém, era preciso comprovar a necessidade e mesmo assim não eram todos que conseguiam. Com o MASA se tornou mais fácil conseguir um subsídio, o que aumenta não só o número de pessoas que viajam para Israel, mas também a variedade de programas oferecidos. O MASA beneficia programas para judeus do mundo inteiro, sendo muito relevante para as comunidades Latino Americanas. Gabriel Trajtenberg (2007) fala sobre o MASA no contexto Latino Americano no seguinte trecho: “From 2005, MASA long-term programmes have gained rapid popularity among young people. In my opinion, MASA

provides the optimum experience that any Latin American young Jew can have of Israel.” [12] (p. 51).

Analisando esta frase de Trajtenberg vemos como o MASA e esta experiência de conhecer Israel proporcionada por ele são importantes ao analisar o caso desta pesquisa, ou seja, das imigrações Latino Americanas de jovens judeus para Israel. Tanto pelo comentário de Trajtenberg como pelos resultados obtidos pelo trabalho de campo em Israel, onde a maioria absoluta dos entrevistados já tivera anteriormente participado de um programa para Israel patrocinado pelo MASA, fica evidenciado o resultado alcançado pelo programa MASA. Para analisar o caso das migrações é indissociável verificar a amplitude deste programa.

A explicação para o sucesso do programa MASA foi a vinculação que ocorreu entre a Agência Judaica e o governo de Israel. A Agência Judaica é uma entidade que possui sede em diferentes países e cidades, inclusive em algumas capitais brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, entre outras. Em Israel está a principal sede da Agência Judaica, evidentemente pelo seu lugar geográfico. Esta entidade é mantida por diversos patrocinadores em todo o mundo. Ao criar um programa com parceria entre Agência Judaica e o governo de Israel os esforços para o seu sucesso foram muito grandes. No trecho a seguir Hoffman (2007) afirma que o primeiro-ministro israelense pensou no futuro do povo judaico ao incentivar um programa desse caráter: “For the first time, the Prime Minister of Israel has decided to invest in the future of the Jewish people through a joint initiative with the Jewish Agency’s Department for Jewish Zionist Education” [13] (p. 49).

Existem muitos programas patrocinados pelo MASA, porém, abaixo está uma lista com os principais programas segundo os entrevistados:

- Cursos específicos (de cinema e fotografia);
- Viagens de movimentos juvenis judaicos: Shnat;
- Programas de férias;
- Estadias em kibutz.
- Programas em centros religiosos
- Estadias em fazenda orgânica sustentável

O programa realizado pela maioria dos entrevistados foi o Shnat, demonstrando a importância desta viagem que faz parte da vivência nos movimentos juvenis, o que já

foi aprofundado em capítulos anteriores. Os demais programas, apesar de não serem tão populares como o Shnat, são muito importantes como uma oportunidade para os jovens judeus nas diáspora que não participaram de movimentos juvenis.

Alguns entrevistados tinham realizado o programa de curta duração Taglit (ou Birthright em inglês). Este programa é muito popular nas comunidades judaicas de muitos países. É um programa de curta duração, entre 10 e 20 dias, projetado para que as pessoas tenham interesse em realizá-lo em suas férias, por exemplo. É um programa que oferece subsídios para aqueles que nunca conheceram Israel. Mittelberg (2007) descreve os interesses do programa no seguinte trecho:

The *birthright Israel* visit to Israel was designed to be an educational experience, not just a tour, in order to connect college-age Diaspora Jewish youth with their heritage and to strengthen their Jewish identity. [14] (p. 36).

Os programas de curto tempo atraem um público muito grande com o subsídio. É uma viagem curta, o que atrai todas as pessoas que gostariam de conhecer Israel, mesmo quando não se sentiam tão identificadas com o país. O programa mostra grandes resultados, uma vez que aproxima muito quem fez o Taglit – Birthright de Israel, sendo importante para a formação da identidade judaica dos jovens após a volta da viagem.

A relação da decisão em fazer Aliá com estes programas de primeiro contato com Israel é tão grande que os próprios imigrantes falam sobre este tema. No artigo de Mittelberg ele coloca o trecho da fala de um entrevistado que mostra quão forte foi o impacto desta primeira viagem para Israel: “The trip has inspired me to make aliyah and I know that it has inspired some of my friends on the trip as well ... it is really important to expose all kinds of Jews to Israel” [15] (p. 39).

4.5. A língua hebraica

O hebraico sempre esteve presente como uma forma de identificação da comunidade judaica, mesmo antes da criação de Israel. O hebraico é a língua bíblica que estava caindo em desuso até ser adotada como a língua oficial de Israel. Com uma importância histórica o hebraico também passa a ser uma nova forma de identificação com Israel. “If English is the language of globalization, the Hebrew is the language of the Jewish tribe and its Israeli State” [16] (TRAJTENBERG: 2007, p. 51). Trajtenberg

analisa como o hebraico é um link que conecta a diáspora com Israel, através da música, da televisão e da vida cotidiana israelense.

A importância do hebraico não se dá só na ligação direta com Israel e com os produtos israelenses. Graciela Bem Dror (2007) mostra que o ensino do hebraico também está presente nas escolas judaicas na diáspora Latino Americana. Ele ocupa o lugar do Idish, que era o dialeto principal falado pelos judeus que viviam em países da Europa oriental e que foi trazido pelos primeiros imigrantes judeus que chegaram à América. (p. 238). Desta forma, o aprendizado do hebraico é valorizado tanto para relembrar suas raízes históricas quanto para se ter uma relação mais próxima de Israel.

É possível fazer um paralelo da importância do idioma hebraico na comunidade judaica com a importância do idioma árabe na comunidade palestina. Jardim (2000) fala sobre a situação do “aprendizado da língua árabe como um dos eixos de reconhecimento e de recriação da origem” (p. 293). Ou seja, a língua relacionada ao grupo étnico é um elemento relevante no processo de identificação com o grupo e para o reconhecimento da origem.

O hebraico, por ser a língua oficial de Israel, é uma preocupação e o seu aprendizado é uma das primeiras metas dos imigrantes. Independentemente do objetivo dos imigrantes é essencial dominar a nova língua, assim como para qualquer imigrante em um novo país com a língua distinta da língua do seu país de origem. Isto pode ser percebido nos seguintes trechos dos entrevistados:

Quero terminar o ulpan (curso de hebraico) e fazer o taka(preparação para a faculdade), também neste Merkaz Klitá, para em 2013 começar a faculdade. Tenho pouco Hebraico, mas vai ser importante saber. (Entrevistado de Buenos Aires – Argentina – 24 anos).

Agora o meu objetivo é estudar muito hebraico, para poder revalidar o meu diploma. (Entrevistado de São Paulo – SP – 29 anos).

No caso do hebraico o estudo para dominar a língua deve ser intensivo, uma vez que o padrão do alfabeto é bem distinto do padrão americano. O aprendizado do hebraico é um recurso essencial para a preparação para realizar aliá e para que o imigrante possa se integrar de fato na sociedade.

5. A decisão final de imigrar

Neste capítulo, após ter analisado os eixos principais acerca deste caso específico de imigração, analiso a questão dos jovens imigrantes enfatizando o que facilitou a tomada da decisão final para ir (ou retornar) para Israel. A seguir aponto dois dos principais aspectos que, ao analisar o relato dos entrevistados, apareceram como fundamentais. São estes a presença de família e amigos em Israel e a ligação com a comunidade local: Diáspora.

5.1. Família e amigos em Israel:

Todo imigrante ao deixar o seu país de origem também deixa muitos amigos e familiares. Este é um dos processos mais difíceis para quem está imigrando. “Os sentimentos de insegurança, frustração e ansiedade acentuam-se devido ao encolhimento considerável dos laços primários” (SPILKI e BRUMER: 2005, p. 399). E mesmo para aqueles que estão imigrando com sua família este sentimento de insegurança é comum.

Neste contexto torna-se fundamental o apoio dos familiares e amigos no novo país. No caso de Israel é muito frequente o imigrante já ter uma rede considerável de familiares e amigos, visto que a maioria dos imigrantes já foram para Israel anteriormente e também porque dentro da comunidade judaica é muito comum que alguns integrantes da família já estejam morando em Israel, tanto parentes mais próximos como parentes mais distantes que também acolhem o imigrante. Apresento dois trechos de entrevistas que mostram esta situação:

Em Israel eu tenho tios e primos, acho que é importante conhecer pessoas aqui, por uma questão emocional, seja família ou não. O israelense é durão, mas quando conhece vira família. (Entrevistado de São Paulo – SP – 24 anos).

As minhas irmãs já fizeram Aliá e daqui a poucos anos os meus pais virão também. E tenho muitos primos espalhados por Israel, são mais ou menos quarenta. (Entrevistado de Belém – Pará – 25 anos).

A presença de amigos e família é um meio facilitador para a adaptação do imigrante. Segundo Spilki e Brumer (2005) as redes de apoio social formadas por amigos, namorado, familiares e colegas de trabalho possuem grande importância para a

permanência em Israel. (p. 402). E para aqueles que não têm esta rede de relacionamentos pré-existente à imigração é relevante que se insiram em grupos propícios para o desenvolvimento social, como os cursos de hebraico, cursos preparatórios para ingressar na universidade e cursos profissionais ofertados para imigrantes. Isto facilita a interação entre os imigrantes nestes meios e é um forte estímulo para que a adaptação do imigrante seja satisfatória.

5.2. Ligação com a comunidade local: Diáspora

Analisando de modo geral todo o judeu teria o “direito” de conhecer Israel. Isto é o que é compreendido quando pensamos no caso da imigração judaica e também das visitas turísticas para Israel. De fato existe esta ideia de que todo judeu pode ou deve conhecer Israel, entretanto, na prática o que ocorre é que a maior parte das imigrações e das visitas turísticas são realizadas por aqueles judeus que se consideram ativos de alguma forma em suas comunidades na diáspora. Isto pode ser constatado nas palavras dos entrevistados:

Sempre tive vontade de vir, tinha ligação com o Dror (movimento juvenil) e com a comunidade, mas tava indo no embalo. Na verdade, prefiro me arrepender de ter vindo do que de não tentar. (Entrevistado de Porto Alegre – RS – 20 anos).

Creo que las principales razones que me hicieron decidirme a hacer Aliá fueron la educación judía y ser parte de la Tnuá (movimento juvenil). (Entrevistado de Buenos Aires – Argentina – 24 anos).

Ter um sentimento de identificação com a diáspora é o incentivo final para quem está pensando em fazer Aliá. Uma das possíveis explicações para isto seria que Israel está presente na construção e no desenvolvimento da identidade judaica na diáspora. Aqueles que participam ativamente na diáspora estão sempre em contato com a cultura israelense como uma forma de reafirmação da cultura judaica. Spilki e Brumer (2005) analisam este fato ao referir que “tornou-se comum a identificação de Israel como o território ‘de origem’, como parte da identidade da maioria dos judeus, tanto os que vivem em Israel como os da diáspora” (p. 394)

Esta identificação com Israel, tanto por parte dos judeus que estão em Israel como por parte dos judeus que estão na diáspora, cria um fluxo de trocas muito intenso. Com a globalização este fluxo ganha uma dinamicidade ainda maior, sendo possível ir e

vir mais frequentemente. Mittelberg (2007) expõe esta relação entre lugares: “Dislocation and relocation, the maintenance of collective memory or myth including an ongoing relationship to the homeland and the possibility of return” [17] (p. 32). Esta identificação tanto com Israel como com a diáspora permite que o migrante tente se estabelecer onde deseja, sendo sempre ressaltado que existe a possibilidade de volta caso não se adapte. Os informantes em Israel deixavam claro que ainda não sabiam ao certo quais seriam os seus planos futuros, pensando que poderiam tanto criar raízes de forma a morar definitivamente em Israel como também poderiam morar por alguns anos em Israel e resolver retornar à diáspora. Isto aparece no seguinte trecho da entrevista de um informante:

Eu vim agora, depois de terminar administração, não descarto voltar para o Brasil, mas com uma pós em administração ou em comércio exterior. Acho que o segundo estudo é importante e quero realizá-lo. (Entrevistado de São Paulo – SP – 24 anos).

O imigrante em Israel e o judeu que mora na diáspora estão constantemente divididos entre duas identidades que são complementares. Aquele que resolve imigrar para Israel está indo em busca de vivenciar algo que já fazia parte de sua identidade judaica na diáspora. Pacheco (1998) afirma que “a diáspora remete àquelas situações em que o indivíduo elabora a sua identidade pessoal com base no sentimento de estar dividido entre duas lealdades contraditórias, a de sua terra de origem e do lugar onde está atualmente, onde vive e constrói sua inserção social” (p. 8). No caso da imigração judaica para Israel a questão da terra de origem é mais complexa. A terra de origem da diáspora judaica é Israel, porém, no caso do imigrante em Israel a sua terra de origem é o seu país natal na diáspora. Por isso eu afirmaria que o imigrante está dividido entre dois extremos, entretanto, são dois extremos que se complementam, o que não ocorre desta forma na maior parte das imigrações.

Visto estes dois aspectos relativos à decisão final do jovem judeu a imigrar é interessante compreender o que é o sionismo e como ele se relaciona com a diáspora. Como já foi dito, o sionismo se fortalece após a criação de Israel. Desta forma, a Aliá passa a ser cada vez mais encorajada e o número de imigrantes começa a aumentar. A importância de Israel na formação da identidade judaica é tão grande que visitar Israel é algo valorizado por toda a comunidade judaica na diáspora. “A diferença identitária que se estabelece entre judeus que nunca moraram em Israel e judeus que já o fizeram parece ter sua base no orgulho coletivo cultivado pela ‘Eretz’ (terra de Israel)” (SPILKI e BRUMER: 2005, p. 404).

Em encontro com estas ideias aparece a discussão sobre tradição e cultura. No caso da comunidade judaica como um grupo étnico o sionismo é a principal forma através da qual é possível analisar como a tradição é mantida e reinventada. Denise Jardim afirma que “Estudos sobre etnicidade tem recolocado em discussões questões sobre a ‘autenticidade de um grupo étnico’ (especialmente quando ele é recriado). Esses debates tem sido fundamentais, pois permitem-nos criticar alguns pressupostos sobre o que pensamos ser a ‘tradição’ e a ‘recriação da tradição’ (p. 37). Desta forma, a recriação da tradição judaica ressalta como ocorre uma renovação dos aspectos identitários que não são fixos e eternos, pelo contrário, com o passar do tempo são renovados, tendo atualmente seu apoio principal no sionismo.

Ao analisar a migração na antropologia especificam-se as rupturas e continuidades associadas ao deslocamento. Isto porque toda a migração envolve um processo de se afastar do seu local de origem, no qual o indivíduo está habituado com a cultura e as relações sociais desenvolvidas, e um processo de se aproximar de um novo local, com novas características e com a formação de novas relações sociais. Com a intensidade dos processos de globalização é relevante analisar as “interações dinâmicas entre os processos globais e locais” (FELDMAN-BIANCO: 2009, p. 23). Ao analisar o caso específico da imigração judaica pra Israel as interações entre o global e o local são representadas através da dicotomia entre Israel e diáspora. Se de forma geral a análise da interação entre o local e global se faz extremamente pertinente nos processos migratórios, no caso da imigração judaica para Israel esta interação possui uma especificidade através da qual é possível compreender a imigração judaica em si. Israel e diáspora possuem uma relação de complementaridade que facilita a interação na comunidade judaica e sua permanência como um ‘grupo étnico’. “Uma das vantagens do uso do termo ‘eticidade’ decorre desse debate em que buscam-se vislumbrar os processos que dialogam com a ordem global e em que forja-se a permanência de um ‘grupo étnico’” (JARDIM: 2000, p. 41).

Uma das características da imigração Latino Americana realizada por jovens judeus para Israel é a especificidade da emigração judaica em meio às demais imigrações. Spilki e Brumer (2005) mencionam um estudo realizado no Uruguai que compara a emigração uruguaia judaica com a emigração uruguaia de forma geral. Em primeiro lugar as autoras afirmam que “O perfil da emigração judaica é distinto do perfil da emigração uruguaia como um todo” (p. 395). Isto ocorre porque enquanto a emigração uruguaia ocorre para países como Argentina, Brasil, Estados Unidos,

Austrália, Canadá, Venezuela, Espanha, e Itália a emigração judaica ocorre de forma majoritária para Israel (e em menores proporções para Estados Unidos e Argentina). Além disso, o nível socioeconômico e educacional é superior a media no caso dos imigrantes judeus. Este estudo vai ao encontro com as ideias surgidas a partir da pesquisa de campo em Israel, onde as motivações para a imigração para Israel divergem das motivações como um todo, sendo a principal motivação a identificação com Israel, que existe tanto em Israel como na diáspora, expressada através da ideologia sionista.

O incentivo financeiro, estrutural e social disponibilizado por Israel é outra especificidade da imigração judaica que é muito relevante. Por um lado, este incentivo demonstra a preocupação que o estado de Israel tem para que a imigração de judeus seja sempre crescente e, pelo lado dos imigrantes, este incentivo é um ponto de estabilidade que pode ser decisivo para a resolução de imigrar. Através desta pesquisa e também da leitura de alguns textos já referidos é plausível afirmar que esta é uma política israelense que já demonstrou os seus resultados positivos ao longo dos anos.

Esta problematização acerca das características da imigração judaica abre espaço para uma discussão sobre a “multilocalidade”, assim como Jardim (2000), ao falar sobre os laços dos palestinos no extremo sul do Brasil com outras cidades do Brasil e do exterior e recebendo quem vem da Palestina em reuniões familiares, afirma que a “multilocalidade é reveladora de seus vínculos com uma rede mais ampla de patrícios” (p. 283). E também aparecendo como “multilocal environment” nas palavras de Mittelberg (2007) ao se referir ao caso da diáspora judaica como sendo compreendido como um caso particular de pessoas que vivem em um “multilocal environment” no qual há uma incorporação da terra natal e das diásporas judaicas. Esta é uma forma capaz de definir a especificidade da imigração judaica e sua relação com os processos migratórios de forma geral. A partir do caso em questão, onde se coloca a comunidade judaica como um grupo étnico, pode-se concluir que a etnicidade não está desaparecendo. O que ocorre é uma adaptação, assim como Mittelberg discute que ocorre uma renegociação da identidade pessoal num mundo pluralizado (2007, p. 40), a identidade judaica dialoga em um contexto onde estão presentes múltiplas identidades e onde surgem novas formas de se identificar com a comunidade judaica, sem precisar necessariamente abdicar de outras identidades também presentes na formação do jovem judeu.

6. Considerações Finais

Não poderia deixar de relatar nesta conclusão os principais pontos de uma conversa que tive durante a minha estadia em Israel, em janeiro de 2012, sobre a imigração judaica com Anabel Lifszyc Friedlander – professora universitária israelense de origem Latino Americana (cujo trabalho intitulado “The State of Israel’s Approach to Foreign Workers and Their Families: A Policy of Ignoring Aimed at Segregation” (2010) foi citado na nota de rodapé referente às leis israelenses sobre imigração). Conversa esta que orientou algumas das minhas indagações durante este trabalho. Eu conheci esta professora a partir do contato que a minha orientadora no Brasil, Denise Jardim, mantinha com ela. Desta forma, pude me corresponder com Anabel e encontrá-la durante uma tarde na Universidade de Tel Aviv. Primeiramente, conversamos sobre como a Aliá – imigração judaica para Israel – é um fenômeno distinto. A Aliá é o único caso em que se tem um incentivo à imigração. Os processos migratórios, de forma geral, são motivados principalmente por questões financeiras e também por problemas nos países de origem – como no caso dos exilados. Como discutido neste trabalho, o apoio disponibilizado para os imigrantes pela comunidade na diáspora e em Israel e pelo governo israelense é muito relevante, quer seja o apoio financeiro quer seja o apoio emocional. Na conversa com Anabel Friedlander, quando falávamos sobre os motivos para a imigração judaica para Israel, enfocamos em dois principais pontos. O primeiro foi esta questão do apoio que o imigrante recebe. O segundo ponto diz respeito à ideologia do imigrante que, na maior parte das vezes, é uma ideologia judaica sionista, como já analisado anteriormente. Neste ponto escutei a frase que mais me marcou durante esta conversa: “Ideologia não é o suficiente”. Anabel se referia ao fato de que, apesar dos imigrantes possuírem uma forte ideologia que os motivava a imigrar, o apoio emocional e financeiro que recebem do governo israelense é fundamental. Esta frase teve um grande impacto para mim, pois acredito que é justamente a partir deste entendimento que é possível compreender os processos migratórios de jovens Latino Americanos para Israel.

A criação do Estado de Israel foi um caso no qual as pessoas criaram o Estado, diferentemente do Brasil e da maior parte dos países, onde o Estado foi criado primeiro e, posteriormente, foi criada uma nação através da nacionalidade. Esta especificidade se deve, principalmente, ao fato de Eretz Israel – a terra de Israel – ter sempre representado a origem do povo judeu e da identidade judaica. “A identidade judaica, através dos

tempos, fundou-se na ideia da origem, naquele território, há mais de cinco mil anos; e judeus vivendo durante séculos em várias partes do mundo tinham em comum, entre outros aspectos, a ideia do retorno a Jerusalém” (SPILKI e BRUMER: 2005, p. 393). Se historicamente Israel sempre possuiu uma relevância para a construção da identidade judaica, atualmente, Israel assume um papel ainda mais relevante para a perpetuação desta identidade, assim como Hoffmann afirma no seguinte trecho:

Spending time in Israel will become as commonplace as synagogue membership once was. After completing high school, thousands of Jewish youth, from all denominations and backgrounds, will participate in MASA programme. Israel will become a core part of Jewish identity for a significant percentage of the Jewish world, uniting diverse Jewish communities around the world and inspiring young people to explore and own their rich heritage [18] (2007, p. 49).

Concordo com a afirmação feita por Alan Hoffmann neste trecho do seu artigo. Inclusive acredito que já é possível afirmar que Israel ocupa este espaço e que, sim, este espaço tende a crescer na medida em que um número maior de jovens vai para Israel, seja pela ajuda do MASÁ, seja porque realizar uma viagem internacional se torna cada vez mais acessível financeiramente.

Nesta direção Mittelberg ressalta que é necessário redefinir a memória coletiva real e a memória coletiva imaginada dos judeus contemporâneos, o que deve abranger as comunidades judaicas locais e os paradigmas culturais de uma comunidade judaica global (2007, p. 44). E neste cenário não podemos deixar de incluir o número significativo das diversas viagens entre Israel e diáspora que contribuem, de certa forma, para a continuidade do povo judeu, o que é uma forte preocupação da comunidade judaica de forma geral.

No texto de Hoffmann ele comenta exatamente sobre esta citação de Mittelberg, logo acima, sobre a importância das viagens para Israel. Hoffmann afirma que “modernity has not only had an impact on the nature of Israel educational trips for Diaspora Jewry, but has also created a new necessity for these transformative experiences for Diaspora Jewish youth” [19] (2007, p. 47). Relacionando esta afirmação com a minha pesquisa em campo, que abrange justamente jovens que imigraram para Israel e onde muitos já tinham participado de outras viagens para Israel – muitos com o auxílio do MASÁ – considero que compreender estes processos migratórios e as demais viagens realizadas por jovens judeus é o ponto central para compreender as relações

judaicas atualmente e como é fundamental a conexão entre Israel e diáspora para a manutenção da identidade judaica.

Realizando um balanço geral sobre a minha experiência em campo, sobre como elaborei este trabalho, é importante salientar que só foi possível dar este enfoque e chegar a estas conclusões pela ida aos centros de pesquisa e também pelos percursos em busca de uma fonte bibliográfica direcionada a este assunto. Num primeiro olhar não encontrei tantas fontes acessíveis sobre o tema específico. Desta forma, foi fundamental a busca de material que fiz no mês em que estive em Israel em janeiro de 2012. Também foi de extrema importância o material que consultei no segundo semestre de 2012, quando estava participando de um intercâmbio acadêmico pelo projeto Capes/Fipse na Vanderbilt University em Nashville, Tennessee, Estados Unidos. Foi a partir da bibliografia consultada neste intercâmbio, principalmente os artigos do livro “Israel, the Diaspora and Jewish Identity” (BEN-MOCHE e SEGEV: 2007) que tomei conhecimento de trabalhos que abrangem a diáspora Latino Americana como um processo específico a ser estudado. Esta noção foi fundamental para a elaboração do problema de pesquisa deste trabalho. De tal modo fui criando relações e construindo uma bibliografia que abrangesse a questão da migração e da identidade de forma geral e da migração judaica e da identidade judaica de forma específica. A minha expectativa é de que este trabalho tenha conseguido dialogar com estes temas e provocar uma curiosidade no leitor acerca das relações da comunidade judaica. Este trabalho não teve por objetivo ter uma conclusão final fixa e imóvel, ao contrário, espero que este trabalho seja uma porta de entrada para futuros trabalhos e novas problematizações que possam cada vez inserir mais as questões aqui tratadas no âmbito dos processos políticos e globais.

7. Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BEN DROR, Graciela. The Place of the State of Israel in Latin American Jewish Identity. In: BEN-MOSHE, Danny e SEGEV, Zohar (Orgs.). Israel, the Diaspora and Jewish Identity. Ed. Sussex Academic. Portland, Oregon, Eua, 2007. P. 235-244.

BRUMER, Anita e SPILKI, Adriana. Educação informal e identidade judaica. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos, 1999, 17 f.

BRUMER, Anita. Identidade em Mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do RS, 1994.

BRUMER, Anita. La múltiple afiliación identitaria de los judíos brasileños a principios del siglo XXI. In: Árabes y judíos em Iberoamérica. Colección Ánfora, 4. España, Fundación Tres Culturas Del Mediterráneo, 2008.

CABRAL, Leonor Scliar. A memória sefardita como exemplo de identidade judaica. In: SLAVUTZKY, Abrão (org.). A paixão de ser: Depoimentos e Ensaio sobre a Identidade Judaica. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um conceito antropológico da identidade. São Paulo. Editora Pioneira, 1976

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp, 2006.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: UFRJ. 1998

FELDMAN-BIANCO, Bela. Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. In: Revista Horizontes Antropológicos, Ano 15, n. 31. Porto Alegre: PPGAS, 2009. (pp. 19-50).

FLANZER, Vivian. Muros invisíveis em Copacabana: Uma etnografia dos Rodeslis na cidade do Rio de Janeiro. Programa de pós-graduação em antropologia social Museu Nacional UFRJ, 1994.

FRIEDLANDER, Anabel Lifszyc. The State of Israel's Approach to Foreign Workers and Their Families: A Policy of Ignoring Aimed at Segregation. In: Who pays the price? Foreign Workers, Society, Crime and the Law. SHECHORY, Mally; BEN-DAVID, Sarah e SOEN, Dan (Editores). Nova Iorque: Nova Science Publishers, Inc. 2010. (pp. 137-149).

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GOLDMAN, Marcio. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2000.

HOFFMANN, Alan D.. *Israel Experience and Jewish Peoplehood*. In: BEN-MOSHE, Danny e SEGEV, Zohar (Orgs.). *Israel, the Diaspora and Jewish Identity*. Ed. Sussex Academic. Portland, Oregon, Eua, 2007. p. 47-49.

JARDIM, Denise F. *Palestinos no Extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais da produção da etnicidade*. Chuí- RS. Rio de Janeiro , PPGAS/Museu Nacional, 2000. (tese de doutorado).

MENDONÇA, Antonio Gouvea. *Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição*. In: *As religiões no Brasil*. TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.), Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 89-110.

MITTELBERG, David. *Jewish Continuity and Israel Visits*. In: BEN-MOSHE, Danny e SEGEV, Zohar (Orgs.). *Israel, the Diaspora and Jewish Identity*. Ed. Sussex Academic. Portland, Oregon, Eua, 2007. p. 30-47.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. *Mana* [online]. 1998, vol.4, n.1, p. 47-77. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131998000100003>.

PATARRA, Neide. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. *Estud. av.* [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 7-24. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200002>.

PINSKI, Carla Bassanezi. *Pássaros da liberdade: jovens, judeus e revolucionários no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

Revista SABABAH. Porto Alegre, Federação Israelita do Rio Grande do Sul – Ano 2 – nº 4 – julho de 2010.

SCLIAR, Moacyr. *Memórias Judaicas*. In: SLAVUTZKY, Abrão (org.). *A paixão de ser: Depoimentos e Ensaios sobre a Identidade Judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1998.

SCLIAR, Moacyr. *A Guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 1972, 2004

SPIELKI, Adriana; BRUMER, Anita. *“Imigração e Território: o papel de Israel na construção da identidade judaica da Diáspora”* In: LEWIN, Helena (coord.). *“Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro”* Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos, 2005. p. 392-406.

TRAJTENBERG, Gabriel. Jewish Continuity and Israel Visits: The Latin American Experience. In: BEN-MOSHE, Danny e SEGEV, Zohar (Orgs.). Israel, the Diaspora and Jewish Identity. Ed. Sussex Academic. Portland, Oregon, Eua, 2007. p. 49-51.

TURNER, Victor. Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Rio de Janeiro: ed. UFF. 2008.

8. Anexos

Tradução das citações em inglês para o português (tradução nossa):

[1] “produzindo uma cultura comum unificada e integrada (...) que sustenta culturas desterritorializadas”.

[2] “o sionismo e a Aliá pessoal eram vistos como a resposta para as fraquezas judaicas”.

[3] “A manutenção diária era o foco principal, mas os imigrantes rapidamente começaram a desenvolver assistência social comunitária, saúde e serviços culturais e sociais”.

[4] “Como Herzl falou: a ‘conquista das comunidades’ se tornou uma realidade entre a comunidade judaica Latino Americana após a criação do Estado de Israel”.

[5] “A educação judaica e sionista predominante nas comunidades judaicas Latino Americanas no sul têm gerado uma ponte extraordinária com Israel. Esta abordagem educacional tende a colocar Israel no subconsciente das crianças e jovens como o destino final do povo judeu”.

[6] “Uma das posições mais dominantes falou da centralidade do Estado de Israel, defendendo o compromisso pessoal total ao Estado de Israel, à Aliyah e à língua hebraica. Outra visão dominante levou em conta a diáspora ocidental; buscando soluções para questões, como a educação judaica, ou a falta dela, a consciência da assimilação e a preparação e treinamento adequados para educadores, de modo a ser capaz de garantir a continuidade judaica”.

[7] “Embora Israel e a diáspora judaica tenham diferentes desafios no que diz respeito à continuidade judaica, eles precisam explorar uma solução comum e compartilhada. (...) A identidade judaica moderna é incompleta sem a contribuição de ambas comunidades”.

[8] “Israel tem o potencial para ser o foco (parcial ou não) da identificação judaica por todos os judeus da diáspora, ou para agir como o local da experiência judaica – seja física ou virtual – para ser vivido através deste”.

[9] “O conceito de ‘Jewish peoplehood’ (povo judeu), que engloba todos os aspectos da cultura – incluindo história, terra natal, religião e espiritualidade – oferece um novo e excitante ponto de entrada para muitos jovens”.

[10] “O Estado de Israel oferece a estas comunidades um senso de propósito, um objetivo a defender. Um sentido de identidade judaica nacional como uma alternativa ao sentido puramente religioso”.

[11] “A iniciativa Masá foi lançada em 2005. Esta nova iniciativa do governo de Israel e da Agência Judaica para Israel visava aumentar radicalmente (através de subsídios) o número de participantes em programas de longo prazo (de um semestre a um ano) em Israel, a fim de quadruplicar o número para 20.000 até o ano de 2008”.

[12] “A partir de 2005 os programas de longo prazo do Masá têm atingido popularidade rapidamente entre os jovens. Na minha opinião, o Masá proporciona a melhor experiência que qualquer jovem judeu Latino Americano pode ter de Israel”.

[13] “Pela primeira vez, o Primeiro Ministro de Israel decidiu investir no futuro do povo judeu através de uma iniciativa conjunta com o Departamento para Educação Sionista Judaica da Agência Judaica”.

[14] “A visita a Israel através do programa *birthright Israel* foi projetada para ser uma experiência educacional e não somente turismo, a fim de conectar jovens da diáspora judaica em idade escolar com sua herança e para fortalecer sua identidade judaica”.

[15] “A viagem tem me inspirado a fazer Aliá e eu sei que também tem inspirado alguns dos meus amigos que também participaram da viagem ... é realmente importante para expor todos os tipos de judeus para Israel”.

[16] “Se o Inglês é o idioma da globalização, o hebraico é o idioma da tribo judaica e do seu Estado israelense”.

[17] "Deslocamento e realocamento, a manutenção da memória coletiva ou mito incluindo um relacionamento contínuo com a pátria e a possibilidade de retorno".

[18] “Passar um tempo em Israel vai ser tornar um lugar-comum assim como os membros da sinagoga foram uma vez. Depois de completar o ensino médio, milhares de jovens judeus, de todas as denominações e origens, vão participar do programa Masá. Israel vai se tornar uma parte essencial da identidade judaica para uma porcentagem significativa do mundo judaico, unindo diversas comunidades judaicas ao redor do mundo e inspirando jovens a explorar a sua própria e rica herança".

[19] “A modernidade não teve somente um impacto na natureza das viagens educacionais da diáspora judaica para Israel, mas também criou uma nova necessidade destas experiências transformadoras para a juventude da diáspora judaica”.